

LAURA HELENA HAHN

**A REALIZAÇÃO DA LATERAL /L/ NO INGLÊS POR FALANTES DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

PORTO ALEGRE
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA
LINHA DE PESQUISA: FONOLOGIA E MORFOLOGIA

**A REALIZAÇÃO DA LATERAL /L/ NO INGLÊS POR FALANTES DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

LAURA HELENA HAHN

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. GISELA COLLISCHONN

Dissertação de Mestrado em Teoria e Análise
Lingüística, apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE
2010

Dedico esta dissertação
à minha família.
Marcos,
mãe,
Paulo, Simone, Priscilla, Paola,
Marta, Rui
e Clareci,
sem vocês, nada teria sido possível.

AGRADECIMENTOS

Especialmente à minha orientadora, Profa. Dra. Gisela Collischonn, pela disponibilidade de me orientar, pela orientação pontual e pela inestimável professora que é.

À Profa. Dra. Laura Quednau, pela dedicação, confiança, generosidade e amizade.

Aos professores Dr. Luiz Carlos Schwindt, Dra. Valéria Monaretto e Dr. Sérgio Menuzzi, pelos valorosos ensinamentos e pelas pertinentes discussões durante as aulas.

Ao Prof. Dr. Ubiratã Kickhöfel Alves, pela atenção que sempre deu aos meus e-mails solicitando ajuda e pelas preciosas indicações de leitura.

À Profa. Dra. Ingrid Finger e às professoras da disciplina de Inglês VIII, pela valiosa ajuda para que eu pudesse coletar os dados junto aos acadêmicos de Letras e pelo tempo de suas aulas que me consentiram para a coleta.

A todos aqueles que participaram voluntariamente como informantes do estudo.

Aos meus amigos e colegas do Círculo Linguístico, Juliana Ludwig-Gayer, Emanuel Quadros, Aline Grodt, André Schneider, Taís Bopp e Gabriela Gonadel, pela amizade, pelo auxílio na solução de muitas dúvidas, pela parceria e pelas conversas sempre descontraídas.

À minha mãe, Helena, pelo imensurável amor e incansável apoio.

Aos meus irmãos, Paulo, Marta e Clareci, pelo amor e cuidado que sempre tiveram por mim.

Ao meu tio Pedro, pelo carinho e pela inspiração nas Letras.

Ao Marcos, pelo amor, pelo companheirismo, pela cumplicidade e pelo incentivo constante. Essa trajetória teria sido muito mais difícil sem ele ao meu lado.

Aos meus amigos, Daiana Wickert, Juliane Welter, Giovani Aiub, Pablo Ribeiro, Paulo Ott e Tiago Bernardon, pela amizade, pela torcida, pelo companheirismo e pela mão sempre estendida.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade.

Ao CNPq, pelo investimento concedido.

RESUMO

Considerando que o /l/ do português brasileiro é normalmente vocalizado em coda silábica, nosso estudo buscou investigar se haveria transferência na aquisição do fonema lateral /l/ no inglês como segunda língua por falantes brasileiros. Para tanto, coletamos nossos dados com 25 estudantes da disciplina de Inglês VIII do curso de graduação em Letras do Instituto de Letras da UFRGS, que tiveram seu nível de inglês classificado de acordo com o *Oxford Placement Test*.

Nossa revisão bibliográfica sobre aquisição de segunda língua nos permitiu observar que considerar toda e qualquer variação que ocorre na fala de um aprendiz de segunda língua (L2) como resultado de transferência da língua materna (L1) do falante constitui em um engano. Teorias da aquisição e trabalhos realizados nesta área puderam constatar que, além da transferência, outros fatores podem atuar nessas variações, como, por exemplo, processos de desenvolvimento interlinguístico e gramática interlinguística.

Em nosso *corpus* foram consideradas as ocorrências de /l/ em coda e em núcleo de sílaba em formas-alvo extraídas da leitura de um texto, instrumento especialmente elaborado para fins desta pesquisa. Após analisar auditivamente nossos dados, com auxílio do programa *Praat*, e estatisticamente, a partir do programa *Goldvarb X*, os resultados que obtivemos revelaram que a vocalização de /l/ ocorreu em 49,2% das ocorrências. Este resultado indica comportamento distinto dos informantes na L2 da realização na sua variedade da língua materna.

Das várias rodadas dos dados que realizamos, em nenhuma as variáveis linguísticas consideradas (*contextos fonológicos precedente e seguinte*) foram selecionadas. Foram selecionadas, porém, as variáveis sociais (*sexo, nível de inglês e informante*).

Nossos resultados parecem indicar que há um processo de desenvolvimento interlinguístico operando na aquisição de /l/ no inglês como segunda língua pelos informantes da presente pesquisa.

Palavras-chave: vocalização, fonologia, aquisição de segunda língua.

ABSTRACT

Whereas Brazilian Portuguese /l/ is usually vocalized in coda, our study investigated whether there was transfer in the acquisition of the lateral phoneme /l/ in English as a second language by Brazilian speakers. Aiming that, we collected our data with 25 students of the discipline of English VIII in the undergraduate course of Languages in the Instituto de Letras in UFRGS, who had their English level classified according to the Oxford Placement Test.

Our literature review on foreign language acquisition has allowed us to observe that considering each and every change that occurs in the speech of a second language learner as a transfer result of the speaker's native language (L1) is a mistake. Acquisition theories and previous works in this field have noted that, besides the transfer, other factors can influence these variations, for instance, interlinguistic development processes and interlinguistic grammar.

In our corpus were considered productions of /l/ in coda and nucleus syllable position in target-forms drawn from a text reading, an instrument specially developed for this research. After analyzing our data auditorily, using the program Praat, and statistically, using the program Goldvarb X, the results obtained showed that the vocalization of /l/ occurred in 49.2% of the cases. This result indicates a different behavior of the informants in the second language from that in their mother tongue.

We did several data runs, although in none of them the linguistic variables considered (*preceding and following phonological contexts*) were selected. Were selected, however, the social variables (*gender, English level and informant*).

Our results seem to indicate that there is an interlinguistic development process operating in the acquisition of English /l/ as a second language by the informants of this research.

Keywords: vocalization, phonology, second language acquisition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Percentual de vocalização em posição de coda interna e externa de vocábulo (Leite, Callou & Moraes, 2007, p. 424).....	26
Figura 2 – A localização de Fens, no leste da Inglaterra.....	41
Figura 3 – A realização de /l/ em posição de núcleo em meados do séc. XX na Inglaterra.....	44
Figura 4 – Janela do <i>Praat</i>	72
Figura 5 – Janela do <i>Wavesurfer</i>	73

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Análise da regra de vocalização nos 12 informantes	37
Gráfico 2 – Desvio quanto ao tipo de segmento em coda silábica.....	38
Gráfico 3 – Vocalização e idade na região de Fenland (Johnson & Britain, 2003, p. 10).....	43
Gráfico 4 – Variável dependente.....	78
Gráfico 5 – <i>Informantes</i>	79
Gráfico 5 – <i>Nível de inglês</i>	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Nível de proficiência e Erros de Transferência e de Desenvolvimento	18
Quadro 2 – Evidências do caráter pós-lexical da vocalização (Costa, 2003).....	39
Quadro 3 – Alofonia vocálica diante de [ɫ] (Hayes, p. 8).....	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Uso obrigatório de [l] (p. 10).....	49
Tabela 2 – Uso obrigatório de [ɫ] (p. 10).....	50
Tabela 3 – Variação livre entre [l] e [ɫ] (p. 11).....	50
Tabela 4 – /l/ em início de sufixo: [l] e ?[ɫ] (p. 11).....	51
Tabela 5 – /l/ em final de raiz antes de vogal em início de sufixo: [ɫ] e ?[l] (p. 12).....	51
Tabela 6 – ___##V → [ɫ] (p. 12).....	52
Tabela 7 – <i>Nível de inglês – sem informantes</i>	81
Tabela 8 – <i>Nível de inglês – dados com /l/ em coda</i>	83
Tabela 9 – <i>Sexo – dados com /l/ em coda</i>	83
Tabela 10 – <i>Contexto anterior vocálico – rodada “V__”, sem informantes</i>	84
Tabela 11 – <i>Contexto anterior consonantal – rodada “C__”, sem informantes</i>	85
Tabela 12 – <i>/l/ em posição de coda X /l/ em posição de núcleo</i>	86
Tabela 13 – <i>Contexto posterior – rodada sem informantes</i>	87
Tabela 14 – <i>Contexto posterior – ressilabação – rodada sem informantes</i>	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	15
1.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
1.1.1 Aquisição de segunda língua	16
1.1.1.1 O papel da L1	18
1.1.1.2 O papel da L2	22
1.1.1.3 Para finalizar	22
1.1.2 Delatorre & Koerich (2008)	23
1.2 SÍNTESE DE PESQUISAS ANTERIORES	24
1.2.1 Análise sobre o Português	25
1.2.1.1 Callou, Leite & Moraes (2007)	25
1.1.1.2 A variação da lateral no português da região sul	27
1.1.1.2.1 Quednau (1993), Tasca (1999), Espiga (2001)	27
1.2.1.2.2 Collischonn & Quednau (2009)	29
1.2.1.2.3 Costa (2003)	32
1.2.2 Análise sobre o Inglês	40
1.2.2.1 Johnson & Britain (2003)	40
1.2.2.2 Hayes (1998)	47
1.2.3 Análise sobre o Inglês como L2	60
1.2.3.1 Baratieri (2006)	60
2 METODOLOGIA	65
2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	65
2.2 HIPÓTESES	65
2.3 MATERIAL	67
2.4 PARTICIPANTES	68
2.5 A COLETA DE DADOS	69
2.5.1 A aplicação do teste de leitura	69
2.6 A ANÁLISE DOS DADOS	71
2.6.1 A análise acústica dos dados	71
2.6.2 A análise estatística dos dados	74
2.6.2.1 O programa <i>Goldvarb X</i>	76
3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	79
4 CONCLUSÕES	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
ANEXOS	97

INTRODUÇÃO

O trabalho que será apresentado a seguir propõe uma análise da influência do português brasileiro (doravante PB) sobre a aquisição da lateral /l/ em posição final de sílaba do inglês, i.e., uma investigação sobre a realização de /l/ em posição de coda ou núcleo em inglês como segunda língua (doravante L2) por falantes do PB. No PB, /l/ em posição final de sílaba realiza-se, predominantemente, como semivogal [w], o que pode levar o falante a produzir o mesmo segmento vocalizado na aquisição de L2.

Esta pesquisa se desenvolveu durante o curso de mestrado em Teoria e Análise Lingüística; entretanto, o interesse pelo fenômeno da vocalização surgiu ainda na graduação, quando participei como bolsista do projeto de pesquisa intitulado “Realização variável da lateral pós-vocálica no português do sul do Brasil e seu condicionamento prosódico”. A idéia de fazer uma pesquisa sobre a lateral em inglês, porém, despertou durante o mestrado, ao cursar as disciplinas de *Seminário de Fonologia e Morfologia*, que trataram de processos do inglês (entre outras línguas). Contribuiu para esta escolha a minha formação em licenciatura em língua inglesa.

Há estudos recentes que evidenciam o processo de transferência do PB sobre a aquisição de sons em inglês, tais como obstruintes finais, *clusters* com /s/ inicial e nasais finais (Baptista, 2000; Rauber, 2002; Koerich, 2002; Kluge, 2004; Silveira, 2004; citados por Baratieri, 2006). Outros estudos, porém, revelam que não apenas transferência de L1, mas também processos de desenvolvimento interlingüístico, operam na aquisição de sons de segunda língua. Temos como exemplo o estudo de Baptista (1992), que afirma que no início do processo de aquisição do inglês, as vogais de aprendizes brasileiros são produzidas claramente com traços de sua língua nativa; eventualmente, porém, os aprendizes tendem a adquirir as novas vogais da L2 (Baratieri, 2006, p. 2).

Além dos sons, a estrutura silábica das línguas também pode estar envolvida no processo de aquisição da L2, uma vez que a vocalização parece ser um processo relacionado a ela. No PB, /l/ pós-vocálico ocupa sempre a posição de coda na sílaba (Bisol, 1999), enquanto no inglês, [ɫ] velar pode ocupar, também, a posição de núcleo, quando precedidos de uma consoante alveolar na última sílaba da palavra (e.g. *bottle*).

Alguns trabalhos que analisaram a vocalização no PB (Leite, Callou & Moraes, 2007; Tasca, 2000; Espiga, 2001; Collischonn e Quednau, 2009; Costa, 2003) constataram que se trata de um fenômeno praticamente categórico na fala das grandes cidades brasileiras, e que há fatores linguísticos e sociais envolvidos neste processo. Portanto, nossos objetivos específicos são: (i) observar no inglês como L2 de falantes do PB do Rio Grande do Sul as taxas de vocalização e sua correlação com variáveis linguísticas e extralingüísticas; (ii) verificar se o comportamento destes falantes em L2 se relaciona com as características da variedade do PB falado na região; e (iii) verificar se o comportamento destes falantes em L2 se relaciona com as características observadas na realização do /l/ em variedades do inglês. Em linhas mais gerais, pretende-se contribuir para a compreensão sobre até que ponto as características de realização alofônica em L1 influenciam as características de realização em L2.

O *corpus* coletado em um grupo de 25 estudantes brasileiros de inglês como segunda língua foi analisado auditivamente, com auxílio do programa *Praat* (com finalidade de obter maior precisão na audição dos dados) e estatisticamente através do programa *Goldvarb X*. É a partir da análise de nossos dados que buscamos respostas para nossas hipóteses, delineadas a seguir:

(1) uma vez que no português não é possível que a lateral ocupe a posição de núcleo na sílaba, esperamos que o *l* nesta posição, em palavras como *little*, seja majoritariamente realizado como [t];

(2) com base na literatura sobre o comportamento do *l* no inglês e no português, supomos que o contexto fonológico vocálico precedente possa ter influência sobre a vocalização de /l/;

(3) com base na literatura sobre o comportamento do *l* no inglês, supomos que o contexto fonológico consonantal influencie a realização de /l/ como [w];

(4) esperam-se baixas taxas de vocalização se o contexto seguinte for uma vogal (e.g. *all empty*), pela possibilidade de que /l/, nestes casos, passe a ocupar o onset da sílaba seguinte.

Além destas hipóteses, relativas ao funcionamento do sistema fonológico, há outras, referentes ao papel que características sociais dos sujeitos estudados exercem sobre o seu desempenho, como o sexo e o grau de proficiência dos aprendizes.

Para a explicitação destas hipóteses, o primeiro capítulo apresenta uma revisão bibliográfica de trabalhos sobre a aquisição de segunda língua e dos principais estudos sobre o fenômeno da vocalização, que servirão de ponto de partida para nossa posterior análise. No segundo capítulo, retomaremos nossos objetivos específicos, as hipóteses que nortearão esta pesquisa, detalhando-as, e explicitaremos a metodologia utilizada neste estudo. O terceiro capítulo, por sua vez, será destinado à descrição dos resultados, que pretendemos considerar em relação aos resultados obtidos nos trabalhos que nos serviram de base. No capítulo final, o quarto, apresentaremos nossas conclusões.

1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Este capítulo de revisão bibliográfica estará dividido em duas grandes seções. Apresentaremos, na primeira, nossa fundamentação teórica, que trata especificamente de aquisição de segunda língua. Teremos, aqui, duas subseções, que tratarão da aquisição de segunda língua em si (1.1.1) e do estudo de Delatorre & Koerich (2008) (1.1.2).

Na segunda seção, faremos uma síntese de pesquisas anteriores sobre o fenômeno da vocalização. Dividiremos esta parte do trabalho em três subseções. Na primeira teremos trabalhos que tratam do fenômeno no português (1.2.1); na segunda, trabalhos que tratam da vocalização de /l/ no inglês (1.2.2); e na última, um estudo sobre a vocalização na aquisição do inglês como L2 por falantes do português brasileiro.

Gostaríamos de justificar, antecipadamente, a extensão de determinadas partes deste capítulo, o que poderia gerar no leitor a expectativa por um trabalho de caráter mais teórico. Dedicaremos um espaço um pouco maior à seção 1.2.2, na qual teremos as resenhas dos trabalhos de Johnson & Britain (2003) (1.2.2.1) e de Hayes (1998) (1.2.2.2), por tratar-se de estudos ainda não muito explorados em nossa literatura. Consideramos importante trazer uma apresentação tanto da descrição detalhada da realização de /l/ no inglês que cada um destes textos traz, como também da perspectiva teórica que subjaz a cada um deles, pois entendemos que esta perspectiva, de certa forma, está implicada na forma como os dados são organizados em cada trabalho.

1.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Temos consciência da difícil tarefa que seria diferenciar *segunda língua* de *língua estrangeira*. Conforme, porém, a diferenciação que Spinassé (2006) faz, justificamos nossa escolha por *segunda língua*.

Diferenciando, porém, do conceito de Língua Estrangeira (LE), uma Segunda Língua [SL] é uma não-primeira-língua que é adquirida sob a necessidade de comunicação e dentro de um processo de socialização. A situação tem que ser favorável: um novo meio, um contato mais intensivo com uma nova língua que seja importante para a comunicação e para a integração social. Para o domínio de uma SL é exigido que a comunicação seja diária e que a língua desempenhe um papel na integração em sociedade.

A aquisição de uma Segunda Língua e a aquisição de uma Língua Estrangeira (LE) se assemelham no fato de serem desenvolvidas por indivíduos que já

possuem habilidades lingüísticas de fala, isto é, por alguém que possui outros pressupostos cognitivos e de organização do pensamento que aqueles usados para a aquisição da L1. Uma diferenciação entre essas duas formas de aquisição de língua não-materna baseia-se fundamentalmente no já citado papel ou função da SL na cultura do falante.

Do contrário, no processo de aprendizado de uma LE não se estabelece um contato tão grande ou tão intenso com a mesma. A grande diferença é que a LE não serve necessariamente à comunicação e, a partir disso, não é fundamental para a integração, enquanto a SL desempenha um papel até mesmo vital numa sociedade. (Spinassé 2006, p. 6)

Desta forma, considerando que os informantes da presente pesquisa são estudantes de Letras e serão (ou já são) professores de inglês e/ou tradutores, parece-nos apropriado o uso de L2, uma vez que a língua é instrumento fundamental para seu trabalho. Com base no levantamento do nosso questionário, podemos dizer que o envolvimento de nossos informantes com a língua inglesa deve ser diário, vai além da sala de aula, perpassa por seus momentos de lazer, impetra seu ambiente profissional.

1.1.1 Aquisição de segunda língua

A aquisição de uma segunda língua (L2) é, de alguma forma, diferente da aquisição de uma primeira língua (L1): aprendizes adultos de uma segunda língua raramente alcançam a mesma competência nativa que uma criança alcança aprendendo sua primeira língua e, de modo oposto, crianças nunca vivenciam o grau de dificuldade que aprendizes de L2 vivenciam. Na aquisição de L1 há muitas evidências de que a representação subjacente de uma criança é idêntica ou muito próxima à de um adulto e os erros de pronúncia de uma criança se devem mais a processos que causam variações ao alvo adulto do que a inabilidades perceptuais. A aquisição da morfologia e da sintaxe de segunda língua compartilha similaridades com a aquisição morfológica e sintática de L1. Em ambas as aquisições há uma correspondência próxima entre a intenção e o que é produzido.

Entretanto, de acordo com Major (1994), a aquisição da fonologia de L1 e a de L2 apresentam certas diferenças. Enquanto a criança “sabe” o alvo adulto, o aprendiz de L2 pode saber ou não – ou seja, a representação subjacente pode ser diferente da dos falantes nativos. Major apresenta o exemplo de falantes nativos de português brasileiro, aprendizes de inglês, cujas representações subjacentes para L2 podem ser do mesmo tipo que ele possui em L1 e cujos processos que agem sobre estas representações também podem ser os

mesmos. Estes falantes brasileiros poderiam, por exemplo, representar a palavra inglesa *few*, na subjacência, como /fil/ tal como fariam em sua língua nativa para uma forma percebida como [fiw]. Ainda assim, diz o autor, na fala, *few* poderia ser corretamente pronunciada como [fyu], obedecendo à alternância vocálica que ocorre na fala corrente do português (Major, 1994). Por outro lado, mesmo tendo a representação correta para *fill* /fil/, por exemplo, a forma que resulta na pronúncia pode não ser a correspondente à do falante nativo. O autor observa que, na fonologia de segunda língua, o alvo de um falante não-nativo normalmente resulta na pronúncia de um não-nativo, como também o alvo similar ao nativo não produz necessariamente a pronúncia similar à de um nativo.

Brown (2000) corrobora a afirmação de Major (1994), dizendo que possivelmente a disparidade entre a aquisição de L2 e de L1 seja mais aparente com relação à aquisição fonológica do que na aquisição de outros componentes da língua. As línguas variam em seus inventários segmentais, dos quais obtemos um subgrupo de sons comuns às línguas humanas. Há, portanto, uma grande chance de um aprendiz de L2 ter de aprender a produzir e perceber alguns sons novos na aquisição de segunda língua. Falantes nativos de português, por exemplo, apresentam dificuldade para distinguir /i:/ e /i/ em *these* [ði:z] e *this* [ðis], porque não existe tal distinção em português. As línguas variam, também, em seus padrões silábicos, o que também pode gerar certa dificuldade. Japoneses aprendizes de inglês, por exemplo, realizam produções tais como *adovocated*, *courese* e *Engilish* (Cook, 2001), porque o padrão silábico do japonês é CV. Para Brown (2000), a dificuldade de aprendizes de L2 em dominar a pronúncia e os padrões entoacionais desta segunda língua pode ser tida como evidência de que a Gramática Universal (GU) não opera na aquisição de L2.

Archibald (1998) afirma que o processo de transferência¹ no aprendizado de L2 é o resultado de uma estratégia cognitiva que poderia ser informalmente chamada de “use o que você sabe”. Essa afirmação prediz que os tipos de erro feitos pelos aprendizes de segunda língua dependerão do seu nível de proficiência. Aprendizes iniciantes poderão não ter nada além de sua L1 como conhecimento disponível e provavelmente irão errar muito por causa disso. Aprendizes mais avançados já adquiriram um certo conhecimento sobre a

¹ “Transfer means carrying over the forms and meanings of one language to the other, resulting in interference – ‘instances of deviation from the norms of either language which occur in the speech of bilinguals as a result of their familiarity with more than one language’ (Weinreich, 1953:1)” (Cook, 2001)

L2 e podem errar menos. No entanto, esse conhecimento pode também se tornar uma potencial fonte de erros, assevera o autor.

Archibald cita o modelo de Major (1987) – *Ontogeny Model* – sobre a natureza dual das gramáticas interlinguísticas, no qual há dois tipos de erros em uma gramática: os erros de transferência e os erros de desenvolvimento. O primeiro tipo de erro reflete a transferência da L1. Em contraste, o segundo tipo envolve equívocos semelhantes aos que as crianças cometem ao adquirir sua L1. Neste modelo, Major propõe uma relação de hierarquia entre os processos de transferência e os de desenvolvimento, afirmando que a transferência diminui com o passar do tempo, enquanto, concomitantemente, processos de desenvolvimento aumentam e, então, diminuem (Major, 1994).

Archibald apresenta um quadro que ilustra a relação entre nível de proficiência do aprendiz e os dois tipos de erros (Archibald, 1998, p. 5).

Nível de proficiência	Erros de Transferência	Erros de Desenvolvimento
Iniciante	Alto	Baixo
Intermediário	Médio	Alto
Avançado	Baixo	Baixo

Quadro 1 – Nível de proficiência e Erros de Transferência e de Desenvolvimento

A gramática interlinguística sofre, então, influência das línguas 1 e 2, embora a proporção de influência dependa do nível de proficiência do aprendiz. Pelo quadro acima, podemos observar que os aprendizes de nível avançado apresentam baixo índice de erros, tanto nos de transferência quanto nos de desenvolvimento. Nem todos os aprendizes, entretanto, alcançam este estágio avançado. É comum em aquisição de segunda língua aprendizes atingirem um *plateau* no seu desenvolvimento. Quando a gramática interlinguística para de mudar, ela é dita *fossilizada* (Archibald, 1998).

1.1.1.1 O papel da L1

Um dos fatores que distingue a aquisição de L2 da aquisição de L1 é o fato de que o aprendiz de L2 assume essa tarefa já sabendo uma língua, o que pode desempenhar um papel, conforme algumas correntes teóricas, na aquisição de L2. Embora muitos pesquisadores concordem que os conhecimentos lingüísticos prévios do aprendiz de L2

exercem alguma influência no processo de aquisição, não há consenso sobre qual papel a língua materna precisamente desenvolve. Entretanto, sabe-se que a influência da gramática nativa não é absoluta: alguns aspectos da L1 parecem impedir a aquisição de estruturas particulares de L2, enquanto outras propriedades de L2 são adquiridas com pouca ou nenhuma interferência da gramática nativa. Para Brown (2000), o desafio para a teoria de segunda língua é prover uma explicação para a presença ou ausência de influência de L1, isto é, o que determina a “influência parcial”.

Major, ao tratar da *análise contrastiva*, cuja noção será apresentada abaixo, tenta explicar por que alguns fenômenos são mais difíceis de adquirir que outros da seguinte forma:

If phenomenon *x* occurs in L1 and *y* in L2, it is more difficult to learn *y* if *x* and *y* are very similar than if they are very dissimilar. For example, learning dental unaspirated stops in French would be difficult for an English speaker because English alveolar aspirated stops are very similar to French; on the other hand, learning the French uvular /R/ may be easier because English and French *rs* are so dissimilar. (Major, 1994, p.185)

A partir de certo momento de sua história, as pesquisas em Aquisição de Segunda Língua passaram a seguir certos princípios Chomskianos, ou seja, passou-se a acreditar que os estudantes de L2 constroem gramáticas próprias que não são parte nem da primeira nem da segunda língua, mas têm uma existência independente. Aprendizes de L2 podem realizar uma estrutura que não existe nem na L2 nem na L1, ou seja, possuem uma *gramática interlinguística*, assim chamada porque possui influências tanto da primeira, quanto da segunda língua dos aprendizes e possui características de ambas as línguas (Selinker, 1972).

Um dos mais importantes fatores a governar a aquisição de segunda língua é a transferência de L1 para a pronúncia de L2. O termo *transferência* é usado para descrever o processo pelo qual um traço ou uma regra da L1 de um aprendiz é mantido através da gramática interlinguística (Archibald, 1998). A partir da percepção da importância do papel da transferência na aquisição de L2 surgiu a *análise contrastiva*, cuja versão inicial afirmava que todas as variações não-nativas se deviam à interferência ou transferência negativa².

² Transferência negativa ocorre quando fenômenos em L1 e L2 são diferentes, resultando em erros. Por outro lado, transferência positiva ocorre quando os fenômenos são os mesmos, resultando em pronúncias semelhantes às de um nativo. Um brasileiro aprendiz de inglês, por exemplo, não precisa aprender [ʃ] (como

Entretanto, de acordo com Major (1994), nas décadas de 1960 e 1970 muitos problemas com esta noção da análise contrastiva, de que todas as substituições eram causadas pela transferência, se tornaram aparentes. Primeiramente, a análise contrastiva não poderia explicar por que certos erros ocorriam, enquanto outros não. Sua melhor justificativa para tal situação era, simplesmente, que falantes aprendiam apenas certas coisas, outras não. Em segundo lugar, havia uma conscientização crescente de que transferência não explicava todas as substituições. Além disso, transferência por si só não poderia explicar porque certos fenômenos eram geralmente adquiridos antes de outros. Foi a partir do refinamento da análise contrastiva, incorporando a noção de *similaridade*, que se pode buscar uma explicação para o fato de alguns fenômenos serem mais difíceis de adquirir que outros. Daí a citação de Major (1994) acima.

Wode (1981, *apud* Major, 1994) elaborou a noção de similaridade na tentativa de explicar quais sons são mais prováveis de apresentar influência de L1 (transferência) e quais não são: se um som de L2 comparado a um som de L1 apresenta certa similaridade, então haverá influência de L1; por outro lado, se estes sons forem distintos, não haverá esta influência de L1. Na realidade, neste último caso (sons distintos), substituições não justificadas pela L1 serão usadas. Um exemplo citado por Major (1994), encontrado em Flege (1987b), consiste em que falantes nativos de inglês, que eram aprendizes avançados de francês, obtiveram mais sucesso com a pronúncia de /y/ (que não possui equivalente em inglês) do que com /u/ (cujo equivalente em inglês é /u/).

Nesta mesma linha, Major cita o exemplo encontrado em Bohn & Flege (1992), no qual falantes experientes de inglês como L2, cuja L1 era alemão, não produziam /i I ε/ (vogais “similares” às do inglês) de forma mais precisa do que falantes inexperientes. Por outro lado, no caso da vogal /æ/ (a vogal “nova”), os falantes experientes, em oposição aos inexperientes, a produziam de modo bastante similar aos falantes nativos. Entretanto, Major (1994) assume que não há uma boa definição de similaridade.

em *shoe*) em inglês, porque português também tem esse som. De modo contrário, a maioria de falantes nativos de espanhol apresentarão transferência negativa, usando [ʒ] (em *chew*, por exemplo) e não [ʃ], porque a maior parte das variedades de espanhol Latino Americano não possui [ʃ]. Entretanto, um falante nativo de Chihuahua – dialeto mexicano – apresentará transferência positiva em relação a [ʃ], porque este dialeto possui este fonema, mas não [ʒ]. Ou seja, para o mesmo fenômeno, a transferência pode ser positiva ou negativa, dependendo da língua nativa e do dialeto dos aprendizes. (Major, 2001)

Enquanto a análise contrastiva mantinha que as substituições de L2 poderiam ser explicadas simplesmente com base na transferência, o reconhecimento de processos de desenvolvimento demonstrou que nem todas as substituições poderiam ser atribuídas à L1. Neste sentido, os tipos de substituição que foram deixadas de lado porque não se encaixavam na categoria de transferência foram trazidas à tona para análise. Além disso, conforme Major (1994), talvez a contribuição mais importante na descoberta desses processos de desenvolvimento foi que pesquisadores começaram a perceber que a aquisição de L1 e de L2 compartilham algumas características fundamentais. Passou-se, a partir daí, a questionar a idéia de que a aquisição de L1 e de L2 eram basicamente diferentes. Surgiram, assim, debates que consideram o papel da Gramática Universal³ e de outros universais na aquisição de L2.

Uma característica bastante evidente na fala de um aprendiz de L2 é que ela apresenta “sotaque”, como resultado da transferência fonológica e fonética de sua língua nativa. Desta forma, falantes nativos de inglês podem, normalmente, distinguir os sotaques de um falante nativo de francês e de um falante nativo de alemão falando inglês. O artigo em inglês *the* [ðə], por exemplo, seria pronunciado por um quebequense como [də] e por um alemão como [zə], pois as línguas francesa e alemã não possuem a fricativa interdental [ð], sendo este fonema substituído por um som existente na L1 destes falantes. Assim, ao falar inglês, alguém cuja L1 é francês irá provavelmente soar diferente de alguém cuja L1 é alemão. Outro exemplo seria a palavra *have* [hæv], que um falante de francês pronunciaria como [æv] e um falante de alemão, como [hæf], refletindo o fato de que o francês não possui o fonema /h/ e de que o alemão possui uma regra de desvozeamento da obstruinte em final de sílaba (trocando [v] por [f]). Especialmente no nível iniciante de proficiência, aprendizes de L2 pronunciam as palavras usando o sistema fonológico de sua L1.

³ Há muita discordância em relação a quanto de acesso à GU o aprendiz possui na aquisição de segunda língua. Alguns autores afirmam que um aprendiz não possui acesso à GU (Brown, 2000 – acima mencionada; Schachter, 1988; entre outros). Por outro lado, White (1985, 1989, 1996) afirma que o aprendiz possui acesso total à GU, ou seja, as habilidades inatas presentes nas crianças permanecem ativas em aprendizes adultos de L2. Há, ainda, autores que defendem o acesso parcial à GU na aquisição de L2 (Vainikka & Young-Scholten, 1994, por exemplo) (Major, 2001).

1.1.1.2 O papel da L2

Ao observarmos um falante nativo de alemão aprendiz do inglês canadense pronunciando a palavra *eyes* [ayz], percebemos a influência não só de sua L1, como também da L2 em sua gramática interlinguística. Primeiramente, este falante aplica a regra do alemão de desvozeamento da obstruinte em final de sílaba, alterando /ayz/ para [ays]. Em seguida, como o aprendiz já adquiriu algum conhecimento da língua alvo, ele aplica a regra canadense de elevação da vogal, a qual determina que [ay] se torne [ʌy] antes de uma consoante desvozeada na mesma palavra – [ʌys]. A regra de desvozeamento da obstruinte em final de sílaba do alemão desencadeou a regra de elevação da vogal do inglês canadense.

1.1.1.3 Para finalizar

Diante da exposição acima sobre a aquisição de segunda língua, observamos que considerar toda e qualquer variação que ocorre na fala de um aprendiz de L2 como resultado de transferência da L1 do falante constitui em um engano. Teorias da aquisição e trabalhos realizados nesta área puderam constatar que, além da transferência, outros fatores podem atuar nessas variações, como, por exemplo, processos de desenvolvimento interlinguístico, gramática interlinguística, sotaque.

Baratieri (2006), em sua dissertação de mestrado, intitulada *Production of /l/ in the English coda by Brazilian EFL learners - an acoustic-articulatory analysis*, pode concluir, a partir de seus resultados, que na aquisição de /l/ em coda no inglês pelos participantes da pesquisa operou um processo de desenvolvimento interlinguístico, mais do que transferência de L1, uma vez que a vocalização de /l/ não foi favorecida diante de consoantes alveolares, como ocorre com o /l/ no português brasileiro. O autor observa que, na verdade, os resultados apontaram para uma direção oposta, ou seja, a vocalização do /l/ final foi inibida diante de consoantes alveolares e favorecida diante de consoantes labiais e velares, como ocorre em algumas variedades do inglês.

1.1.2 Delatorre & Koerich (2008)

O estudo de Delatorre & Koerich (2008) sobre a produção de palavras terminadas em *-ed* por aprendizes brasileiros de inglês busca investigar a influência dos contextos precedentes consonantal e vocálico, do vozeamento das consoantes precedentes e da extensão do *cluster* formado pelo acréscimo do morfema *-ed* ao contexto precedente. Ou seja, as autoras procuram indicar que tipos de codas e contextos fonológicos desencadeiam mais erros de pronúncia de palavras terminadas em *-ed*. Palavras terminadas em *-ed* incluem verbos regulares no tempo passado. Estes verbos podem apresentar três pronúncias diferentes, com uma sílaba extra /ɪd/, ou como /t/ ou como /d/, dependendo do contexto precedente.

Estabelecido o foco do trabalho, as autoras apresentam as seguintes hipóteses: (1) consoantes precedendo *-ed* causariam mais epêntese que vogais na mesma posição; (2) obstruintes vozeadas induziriam mais a epêntese vocálica que obstruintes desvozeadas e (3) *clusters* com três segmentos seriam mais frequentemente modificados pela inserção de uma vogal que *clusters* com dois segmentos, como ocorre nos casos de prótese vocálica em /s/-*clusters* iniciais.

Os resultados do estudo confirmam a expectativa da hipótese (1). Houve quase 83% de epêntese no contexto de consoante precedendo *-ed* e 50% de epêntese no contexto de vogal precedendo *-ed*. Este resultado, conforme Delatorre & Koerich, sugere que marcação em termos de tamanho da coda tende a influenciar na produção de epêntese em palavras terminadas com *-ed* por brasileiros: “This seems to be possible due to the creation of more complex, marked and, consequently, more difficult codas than those in which the -ed is preceded by vocalic contexts.” (p. 157). Em relação à hipótese (2), os resultados apresentam uma tendência à direção oposta. O contexto precedente desvozeado induz mais a epêntese. Os resultados também corresponderam à hipótese (3) levantada pelas autoras: houve quase 90% de inserção vocálica em *clusters* finais formados por mais de três segmentos com a adição do morfema *-ed* ao contexto consonantal precedente e quase 80% de epêntese em *clusters* com dois segmentos. Estes resultados indicam que

cluster length is possibly a relevant factor influencing the production of epenthesis in words ending in -ed. Moreover, the results of the present study comparing epenthesis production after consonantal and vocalic contexts may

reinforce the claim that cluster or coda length has an influence on the production of vowel epenthesis in English words ending in -ed by Brazilians, since [...] consonantal contexts were more troublesome for Brazilians. These results are also in agreement with those of Weinberger (1987) and Hansen (2004), in which participants from different L1s tended to modify final three-member clusters more frequently than two-member clusters, which, in turn, were more frequently modified than single-final codas, either by vowel epenthesis or consonant deletion. (p. 159)

O que podemos observar deste estudo de Delatorre & Koerich é que o padrão silábico do português pode estar exercendo certa influência na aquisição de inglês como segunda língua. As estruturas silábicas do PB e do inglês apresentam padrões substancialmente diferentes para a coda. As sílabas CV ou CVC do PB são menos marcadas que as estruturas silábicas CVCC ou CVCCC do inglês. Baptista (2002) afirma que quanto mais complexa e mais marcada a sílaba é, maior a tendência de ela ser modificada. Katamba (1989), Carlisle (1994, 1998) e McMahon (2002) observam que aprendizes de L2 modificam as sílabas fechadas mais marcadas com mais frequência do que modificam as sílabas abertas menos marcadas. A modificação pode ocorrer com o apagamento de consoante ou a inserção de uma vogal. Isto significa que aprendizes de L2 tendem a desmembrar, por exemplo, uma estrutura mais marcada CVC em duas sílabas abertas menos marcadas CV.CV, com a adição de uma vogal epentética, ou a reduzir a estrutura a uma sílaba CV, com o apagamento da consoante final.

1.2 SÍNTESE DE PESQUISAS ANTERIORES

Nesta seção, faremos uma revisão de trabalhos desenvolvidos anteriormente a respeito do fenômeno da vocalização, a fim de levantarmos subsídios para a nossa pesquisa. Há diversos estudos que tratam deste fenômeno no português, dentre eles estão os trabalhos de Leite, Callou & Moraes (2007), Quednau (1993), Tasca (2000) e Espiga (2001), Collischonn e Quednau (2009) e Costa (2003), que serão apresentados abaixo. Há, também, trabalhos que tratam da vocalização de /l/ no inglês, dentre os quais estão os trabalhos de Johnson & Britain (2003) e de Hayes (1998), que também serão apresentados a seguir. E, finalmente, Baratieri (2006), que trata da vocalização na aquisição do inglês como L2 por falantes do português brasileiro.

1.2.1 Análise sobre o Português

Esta subseção será dividida em duas partes. A primeira apresentará o estudo de Leite, Callou & Moraes (2007), que apresenta uma análise da realização da lateral em capitais de cinco estados brasileiros. Já a segunda parte terá como foco estudos sobre o /l/ na região Sul do Brasil.

1.2.1.1 Leite, Callou & Moraes (2007)

Leite, Callou & Moraes iniciam seu trabalho com a constatação de que a realização do fonema /l/, em posição de coda silábica, é tradicionalmente considerada um dos traços diferenciadores do português brasileiro em relação ao português europeu. No português europeu (PE), a realização padrão de /l/ em posição de coda é a velarizada. Já em relação ao português brasileiro (PB), o processo de vocalização de /l/ final é emblemático.

O objetivo dos autores neste estudo é atestar que há variação na realização de /l/ em coda no PB – conforme o dialeto, a lateral pode apresentar uma articulação consonântica (alveolar ou velar) ou vocálica, e não apenas esta última – e que no PE não há apenas a variante velarizada. Para este fim, foram analisados 5.645 dados do PB, coletados em entrevistas do Projeto NURC. Todos os informantes possuem nível superior completo e estão estratificados por faixa etária, gênero e origem geográfica. Neste trabalho foi utilizado o método sociolinguístico quantitativo laboviano. Com relação ao PE, citam resultados de outro levantamento, os quais comparam com os do PB.

As cinco capitais brasileiras examinadas pelos autores apresentam estágios diferenciados do processo de vocalização. As cidades de Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife indicam estágio avançado do processo – especialmente em posição final de vocábulo (e.g. *carnaval*) –, com percentual em torno de 90%; enquanto Porto Alegre apresenta percentual em torno de 50% (ver Figura 1).



Figura 1 – Percentual de vocalização em posição de coda interna e externa de vocábulo (Leite, Callou & Moraes, 2007, p. 424)

Os resultados referentes à variável idade – que considerou três faixas etárias (1) 25-35 anos; (2) 36-55 anos; (3) 56 anos em diante – e à variável sexo – homens e mulheres – também indicam uma diferença no uso da lateral. Nos dados estatísticos de Porto Alegre obtidos pelos autores, nota-se, por exemplo, um aumento progressivo de vocalização nos mais jovens, com uma distinção relativa de gênero, “acrescida do fato de haver uma estabilidade na fala das mulheres e de mudança na dos homens” (p.424).

Das variáveis linguísticas consideradas, Leite, Callou & Moraes constataam que o fenômeno é favorecido quando a vogal precedente é baixa, e desfavorecido quando a vogal precedente é posterior alta arredondada [u]. Sobre a posição /l/ em coda interna, os autores constataam que “a área de articulação também constitui um fator condicionante e um processo assimilatório se faz evidente: a velarização (posteriorização) é favorecida pela presença de uma consoante velar subsequente (*fo[ɫ]ga*)”.

Sobre o português europeu, os autores trazem os resultados encontrados em uma pequena amostra do *corpus* CRPC-Lisboa⁴, que indicam que esta variedade da língua também admite variação na realização de /l/ em coda. Constataram-se as variantes [ɫ] – que constitui a norma –, [w]⁵, [l] e, até mesmo, [ø] – depois da vogal /u/. Dos 155 dados da fala culta e 140 da fala popular, foi registrado apenas 18% de vocalização, com peso relativo de

⁴ Disponível em www.lettras.ufrj.br/varport. [nota dos autores]

⁵ Os autores utilizaram o programa CSL (*Kay Elemetrics*) para realizar uma análise-teste experimental em algumas ocorrências do PE, devido à dificuldade de perceber auditivamente as diferenças entre realizações velarizadas e vocalizadas de /l/.

0,19. Os grupos de fatores condicionantes que atuam sobre o fenômeno, na fala culta, são basicamente os mesmos de PB: tipo de vogal antecedente, posição da sílaba no vocábulo (final ou medial) e tipo de consoante subsequente.

Embora seja um fenômeno raro no PE, a vocalização ocorre preferencialmente quando a vogal precedente é [a] ou [u], 71 e 23%, respectivamente; quando a consoante seguinte é uma oclusiva alveolar ou fricativa labial, 32 e 26%, respectivamente; e quando /l/ encontra-se em coda interna, 87% das ocorrências (no PB é a coda externa que favorece a regra).

Em relação à fala popular, Leite, Callou & Moraes constata a completude da regra na cidade do Rio de Janeiro, uma vez que 96% (0,96 de peso relativo) dos 142 dados desta capital apresenta a variante vocalizada, sem que nenhum grupo de fatores tenha sido selecionado pelo programa estatístico. No PE, ainda em relação à fala popular, foram selecionadas as variáveis *vogal antecedente* e *contexto seguinte*.

Os autores finalizam seu trabalho observando que a diferença entre o PE e PB no que se refere à realização da lateral em coda é bastante significativa. No PE, a fala culta apresenta 19% de vocalização e a fala popular, 17%; enquanto no PB, a fala culta apresenta 89% e a fala popular, 96%. Leite, Callou & Moraes observam, ainda, que o aspecto inovador do fenômeno da vocalização no Brasil se atribui, especialmente, ao seu avanço no extremo sul do país, pois, há bem pouco tempo, esta era uma área considerada mantenedora de [ʎ] velar.

1.2.1.2 A variação da lateral no português da região sul

1.2.1.2.1 Quednau (1993), Tasca (1999), Espiga (2001)

Os trabalhos de Quednau (1993), Tasca (1999) e Espiga (2001) se tratam de pesquisas recentes que mostram que a vocalização de /l/ é praticamente categórica em Porto Alegre – RS. Entretanto, mostram também que a lateral velarizada e a lateral alveolar ainda são frequentes em algumas localidades do sul do país.

Quednau (1993) utiliza em sua análise amostras do português falado que pertencem ao Banco de Entrevistas do Projeto VARSUL. As localidades analisadas pela autora foram

Porto Alegre, capital do RS; Taquara, de colonização alemã; Monte Bérico, distrito da cidade de Veranópolis, cuja colonização é italiana; e Santana do Livramento, região fronteira com o Uruguai. Tasca (1999), que também buscou seus dados no Projeto VARSUL, analisa a realização da lateral pós-vocálica nas cidades de Porto Alegre; Flores da Cunha, de colonização italiana; Panambi, de colonização alemã; e São Borja, região fronteira com a Argentina. Espiga (2001), por sua vez, estuda a lateral em coda exclusivamente na região de fronteira do RS com o Uruguai – denominada Campos Neutrais – tendo as cidades de Chuí e Santa Vitória do Palmar como foco.

Quednau observa, em seu estudo, que a passagem de [l] → [w] define-se nos termos da regra telescópica, que consiste na perda de um estágio intermediário na derivação fonológica entre segmentos. A mudança de [ɬ] → [w], segundo a autora, faz com que estágios intermediários como [l^w] – velar e labializado – desapareçam em favor de formas extremas como a vocalizada [w] (Quednau, 1993:104). Ou seja, para que a passagem de [l] → [w] fosse considerada natural, seria necessária a presença de estágios intermediários. A partir de seus resultados, então, Quednau constata que a regra já alcançou seu estágio final ([w]) na região metropolitana, enquanto ainda encontra-se no estágio inicial ([l]) nas demais regiões.

Assim como no estudo de Quednau (1993), no de Tasca (1999) a variável social *etnia* apresentou um papel bastante significativo, o que a conduziu a acreditar na hipótese de regra telescópica também. Nas cidades de Panambi e Flores da Cunha, Tasca constata que não houve registros da lateral vocalizada [w] – como ocorre predominantemente na capital gaúcha – e que o emprego da lateral alveolar [l] é maior que o da lateral velarizada [ɬ]. A autora teoriza:

[...] a direção do processo inovador é da lateral alveolar para a velar, e, na capital, a direção é da lateral velar para a vocalização. (...)
A preservação da lateral no Rio Grande do Sul é um retrato vivo de uma regra histórica, por telescopia denominada. (1999: 138)

Na região de Campos Neutrais, estudada por Espiga (2001), é possível encontrar todos os estágios da regra telescópica que atinge a lateral – como afirma o próprio autor. Nas cidades de Chuí e Santa Vitória do Palmar também foi registrada a predominância da variante alveolar no uso da lateral pós-vocálica. Entretanto, ao analisar as variantes [ɬ] e

[l^w] juntas, Espiga constata que [l] deixa de ser a variante predominante, o que indica, de acordo com o autor, um caso de mudança em curso.

1.2.1.2.2 Collischonn & Quednau (2009)

A fim de proporcionar uma visão abrangente da realização do /l/ pós-vocálico na fala da região Sul, Collischonn & Quednau analisam as localidades de Pato Branco (PR), Irati (PR), Londrina (PR), Curitiba (PR), Lages (SC), São José do Norte (RS) – através dos dados coletados no Banco de Entrevistas do Projeto VARSUL – e as localidades de Taquara, Livramento, Monte Bérico e Porto Alegre, todas do RS – através dos dados analisados por Quednau (1993) e provenientes de uma coleta realizada por Bisol no final dos anos 70. Através de levantamento de estudos variacionistas realizado, as autoras observam que a realização predominante da lateral pós-vocálica como semivogal [w], como registrado nos trabalhos de Callou, Leite e Moraes, 2002; Sá, 2007; Oliveira, 1983; Teixeira, 1995. Há, ainda, a realização da lateral como aproximante retroflexo ou tepe, fenômeno conhecido como rotacismo, que está associada significativamente a falantes de baixa escolaridade.

Este levantamento realizado permite às autoras algumas interpretações a respeito do comportamento da variação do /l/, tais como:

- Observa-se mudança em progresso, de uma consoante lateral para um segmento vocálico; as altas taxas de realização deste segmento como [w] sugerem uma mudança /l/ → [w] já consolidada em grande parte das regiões lingüísticas brasileiras (cf. Callou, Leite e Moraes, 2002).
- No português do sul do Brasil, entretanto, as realizações velarizada e alveolar ainda são muito freqüentes e, em algumas localidades, são as realizações predominantes (Quednau, 1993, Tasca, 2000, Espiga, 2001). (p. 3)

A análise de dados que Collischonn & Quednau realizam em seu trabalho, divide-se em duas partes. A primeira considera os dados coletados no projeto VARSUL; a outra considera o conjunto de dados formado pelas amostras das cidades analisadas na primeira parte do trabalho – Pato Branco (PR), Irati (PR), Londrina (PR), Curitiba (PR), Lages (SC), São José do Norte (RS) –, e das cidades de Porto Alegre, Santana do Livramento, Taquara e Monte Bérico (todas do RS), provenientes da coleta realizada por Bisol e analisadas por Quednau (1993). Assim, os primeiros resultados obtidos descrevem o comportamento da

lateral por localidade. A análise indicou, ao lado de taxas bastante distintas de vocalização por localidade, o papel condicionador de variáveis linguísticas, como *contexto precedente* e *acento*, e de variáveis extralinguísticas, como *sexo*, *idade* e *escolaridade*.

Observa-se, em relação à variável dependente, que as cidades do estado do Paraná, Pato Branco, Curitiba, Londrina e Irati, são as que apresentam os mais altos índices de vocalização (91, 81, 80 e 63%, respectivamente). Lages, em Santa Catarina, apresenta um índice um pouco mais baixo de vocalização, 51%. Em São José do Norte (RS), a vocalização não chega a representar a metade das ocorrências, 43%. Por outro lado, esta localidade é a que apresenta o maior número de ocorrências de lateral velarizada, correspondendo a 30% do total de registros. Collischonn & Quednau ressaltam que estes resultados corroboram “a constatação de Dal Mago (1998) de que há uma tendência de vocalização mais acentuada no Paraná, que se reduz gradativamente, na medida em que se vai em direção ao sul” (p.6).

Quanto às variáveis linguísticas, na primeira selecionada, *contexto precedente*, há dois fatores que se destacam, a vogal média-baixa anterior [ɛ], que possui 0,63 de peso relativo, e a vogal alta posterior [u], que parece desfavorecer a vocalização, com 0,29 de peso relativo⁶. Os pesos relativos dos demais fatores analisados giram em torno do ponto neutro, o que sugere que, na verdade, apenas as duas vogais anteriormente citadas têm papel. Os resultados da segunda variável linguística selecionada, *acento*, indicam que nenhum dos fatores analisados parece favorecer muito a aplicação da regra, entretanto, os fatores *postônica* e *monossílabo* são os que menos favorecem, com pesos relativos de 0,42 e 0,38, respectivamente⁷. A interpretação das autoras é de que sílabas postônicas favoreceriam o apagamento de /l/, o que explicaria o menor favorecimento da vocalização nestes contextos.

Os resultados relativos às variáveis extralinguísticas indicam que as mulheres, os mais jovens e os mais escolarizados vocalizam mais que os homens, os mais velhos e os menos escolarizados. A variável *idade* confirma uma das hipóteses de Collischonn & Quednau de que o fenômeno em questão se trata de uma mudança em curso. Por outro lado, a variável *escolaridade* representa uma surpresa, pois não há registro de “ser esse um

⁶ Estes resultados se referem à rodada que teve a semivogal [w] como fator de aplicação.

⁷ Estes resultados se referem à rodada que teve a semivogal [w] como fator de aplicação.

fenômeno afetado pela instrução formal”, como sugere o resultado de maior favorecimento de vocalização entre os mais escolarizados. Podemos entender dessa constatação a existência de maior prestígio da variante vocalizada sobre as demais, reconhecendo, no entanto, que tal observação careça de investigação mais sistemática.

A segunda parte do trabalho das autoras apresenta os resultados obtidos a partir do conjunto dos dados coletados no projeto VARSUL e dos dados provenientes da análise de Quednau (1993). Nesta rodada do conjunto de dados, Collischonn & Quednau obtiveram 61% de frequência da semivogal [w]. Foram 4.004 aplicações em um total de 6.608 dados, e todas as variáveis extralinguísticas foram selecionadas.

Constata-se, mais uma vez, a maior incidência de vocalização nas cidades paranaenses de Pato Branco, Curitiba e Londrina. A capital gaúcha, Porto Alegre, encontra-se neste grupo das cidades que mais vocalizam, com peso relativo de 0,88. Novamente, São José do Norte-RS apresenta baixo índice de vocalização, tal como ocorre, nesta etapa do estudo, com Irati-PR. Ambas as cidades apresentam peso relativo de 0,41. As localidades do RS analisadas na amostra de Quednau (1993), Livramento, Taquara e Monte Bérico, apresentam os índices mais baixos de vocalização, 0,19, 0,18 e 0,13, respectivamente. O baixo índice de vocalização, segundo as autoras, deve-se ao fato de estas cidades serem constituídas por comunidades isoladas (São José do Norte), por vários grupos étnicos (Irati) ou por comunidades bilíngües (Livramento, Taquara e Monte Bérico).

Considerando as variáveis extralinguísticas *sexo*, *idade* e *escolaridade*, mais uma vez os resultados confirmam levantamentos anteriores. Estes resultados indicam que as mulheres aplicam [w] com mais frequência que os homens (0,54, contra 0,46), assim como os mais jovens em relação aos mais velhos (0,41 contra 0,57), e os informantes com escolaridade secundária em relação aos com escolaridade (0,57 contra 0,43).

As variáveis linguísticas selecionadas nesta rodada do conjunto dos dados foram, além de *contexto precedente*⁸ e *acento* – que já haviam sido selecionadas na rodada dos dados do VARSUL –, *posição do segmento-alvo* e *segmento seguinte*. Os resultados obtidos para as variáveis *contexto precedente* e *acento* são semelhantes aos da primeira parte do estudo, destacando-se os fatores *vogal precedente u*, *monossílabo* e *postônica*, que

⁸ Entretanto, em rodada realizada pelas autoras sem o fator ‘u’, a variável *contexto precedente* não foi selecionada.

indicam o desfavorecimento da vocalização. Os demais fatores das duas variáveis apresentam pesos relativos próximos da neutralidade.

Posição do segmento-alvo aponta *fronteira interna composto* (e.g. *papel-higiênico*), *final de palavra em sufixo* (e.g. *razoável*) e *final de palavra – raiz* (e.g. *catedral*) como os fatores que mais favorecem a vocalização, e *interior da palavra – raiz* (e.g. *alguma*) e *interior da palavra – fronteira de morfema* (e.g. *fatalmente*) como os que menos favorecem a aplicação da regra são. E, por fim, dentre os diversos fatores analisados pelas autoras na variável *segmento seguinte*, o que mais favorece a realização de /l/ como semivogal é *fricativa palatal* (e.g. *geral#já*), e o que mais desfavorece é *vogal* (e.g. *pessoal#enjoa*).

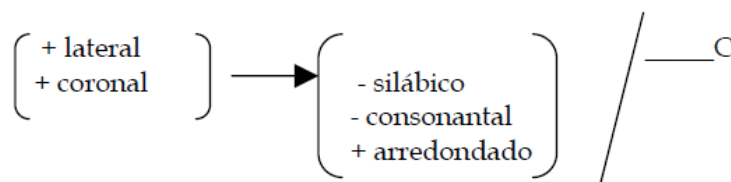
Para concluir seu trabalho, Collischonn & Quednau observam que a vocalização, por ser um fenômeno de estrutura silábica e não de caráter assimilatório, não deveria sofrer influência da natureza da vogal precedente em sua ocorrência; no entanto, análises anteriores haviam apontado desfavorecimento em alguns casos e favorecimento em outros. As análises realizadas pelas autoras neste estudo permitem a elas a constatação de que o contexto precedente realmente não interfere no processo de vocalização, com exceção da vogal alta posterior [u], caso que se explica, conforme elas observam, devido à marcação da seqüência [uw] criada com a vocalização nestes casos. (p. 15)

1.2.1.2.3 Costa (2003)

No trabalho a ser apresentado aqui, Costa discute o *status* lexical e pós-lexical das regras de monotogação de /ow/ e de vocalização de /l/ no PB de falantes de Porto Alegre-RS, fundamentando-se nos resultados estatísticos obtidos em sua análise variacionista destes fenômenos. A escolha destes fenômenos se deve a questões não tratadas anteriormente no PB, quando da análise destas regras sob a ótica da Fonologia Lexical, como a opacidade e a presença de regras variáveis no léxico. Evidentemente, direcionaremos nossa atenção às discussões e resultados sobre a vocalização de /l/.

A regra de vocalização é representada, sob a perspectiva do modelo linear de organização de traços, da seguinte forma (p. 41):

(1)



Nesta representação, a passagem de /l/ → [w] implica inevitavelmente o apagamento do segmento lateral. Além disso, não é possível explicar a naturalidade da regra através de traços distintivos, uma vez que os traços que caracterizam [w] são distintos dos que caracterizam a lateral.

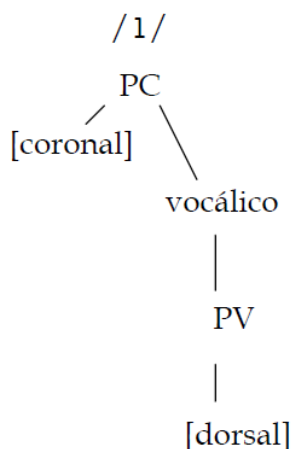
Costa cita a proposta de Spencer (1984), que defende a eliminação do traço [lateral] na representação de /l/, pois, segundo o autor, nenhuma generalização linguisticamente significativa sobre o padrão sonoro de uma língua ou sobre a estrutura sonora de seu léxico terá sua falta sentida se este traço for eliminado (Spencer, 1984: 23 *apud* Costa, 2003). Ele adapta o traço [distribuído] para distinguir a lateral de outras líquidas, e afirma que as laterais são sons [+distribuído] por excelência. Entretanto, Costa observa que o traço [lateral] no PB, de acordo com o *SPE*⁹, distingue as laterais dos róticos e que sua eliminação do inventário pressupõe que outros traços sejam capazes de distinguir /l/ de /r/, por exemplo, o que constitui um problema para tal abordagem.

Após breve exposição de diferentes abordagens sob a ótica da Fonologia Autossegmental para a representação de /l/, a autora apresenta a estrutura adotada em seu trabalho para a lateral alveolar. Baseada na abordagem de Walsh (1997), ela acredita que a proposta de Ponto de Consoante (PC) complexo para a lateral explica de forma mais econômica os fenômenos que envolvem o segmento no PB. De acordo com Walsh (1997), todas as laterais teriam um traço coronal e um traço dorsal preso ao PC. Segundo Costa, dados extraídos da aquisição do português podem atestar as constatações de Walsh, já que Azambuja (1998) constatou que crianças, ao adquirirem o /l/ em onset podem substituí-lo tanto por [j] quanto por [w], o que, na interpretação de Costa, indica que os dois pontos [coronal] e [dorsal] estão presentes na representação da lateral.

⁹ *The Sound Pattern of English*.

A variação sincrônica entre [l], [ɫ] e [w] observada nos dados do trabalho permitiu à autora constatar a simultaneidade entre essas realizações e, portanto, um processo que deve ser mais simplificado. A partir de suas constatações, a autora apresenta a seguinte representação para a lateral no PB (considerando a geometria de traços proposta por Clements e Hume, 1995):

(2)

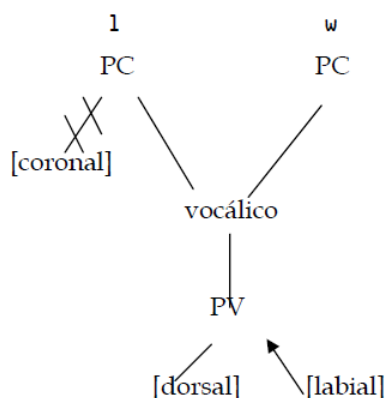


Costa discorda em um aspecto de Walsh. Ela considera mais econômico que o traço [lateral] esteja presente na estrutura do segmento, e que o ideal seria prendê-lo ao nó de raiz, conforme Hernandorena (1995).

Também nos parece interessante adotar a relação implicacional de traços exposta por Hernandorena. No caso da vocalização, a partir da perda de [coronal] do ponto de consoante, seria ativada a inserção de [labial] ao nó vocálico e ocorreria a perda ou desativação fonética de [lateral]. (p. 58)

A representação do processo de vocalização é reproduzida abaixo (p. 58).

(3)



A autora assevera que o fato de o processo ser concebido de forma simplificada no âmbito da Geometria de Traços garante a naturalidade da passagem de /l/ para /w/. Como podemos observar na representação acima, a passagem proposta por Costa se dá pelo desligamento e inserção de traços articulatórios ligados ao PC de /l/. Por isso, a autora acredita que a noção de telescopia¹⁰ para a vocalização da lateral, defendida por Quednau (1993), Tasca (1999) e Espiga (2001), não deve mais ser considerada.

Passemos, agora, para a análise variacionista do estudo. A autora coletou 1742 dados ao realizar a audição de entrevistas pertencentes ao Banco de Dados VARSUL. Foram ouvidos doze informantes da cidade de Porto Alegre-RS, todos com nível superior completo. Quatro variáveis foram registradas no *corpus* de Costa: lateral alveolar, lateral velarizada, semivogal e zero. Entretanto, a análise aqui realizada foi binária, ou seja, considerou-se apenas a aplicação da regra de vocalização em oposição às demais variáveis.

Para o tratamento estatístico dos dados, Costa utilizou o Programa Computacional VARBRUL. A autora pode perceber que os grupos de fatores relevantes para o estudo do fenômeno de vocalização são *idade*, *contexto fonético seguinte* e *contexto fonético anterior*.

Apresentaremos, primeiramente, os resultados relativos à variável dependente. O índice de aplicação da regra de vocalização é de 0,97. Este resultado está de acordo com os trabalhos de Quednau (1993) e Tasca (1999 e 2002), que também analisaram a capital

¹⁰ A noção de telescopia para a vocalização de /l/ foi inicialmente proposta por Lopez (1979) para o português carioca (Costa, 2003: 49). O fenômeno de telescopia, explica Hyman (1975: 173 *apud* Costa, 2003), pode ser definido como a perda de um estágio intermediário em uma derivação fonológica.

gaúcha. Costa conclui que a regra tem praticamente 100% de aplicabilidade em Porto Alegre.

Vejamos, então, os resultados obtidos na primeira variável selecionada: *idade*. A autora examinou três faixas etárias (1) entre 20 e 30 anos; (2) entre 30 e 60 anos; e (3) entre 60 e 75 anos. Os pesos relativos das faixas em (1) e (2) são, respectivamente, de 0,82 e 0,53, enquanto o peso relativo da faixa etária em (3) é de 0,11; ou seja, os falantes mais velhos tendem a preservar mais outras formas que produzir a semivogal (p. 90). A variável *idade* também se mostrou importante nos trabalhos de Tasca (1999) e Espiga (2001).

A segunda variável selecionada pelo programa, *contexto fonético seguinte*, indica que tanto as fricativas labiodentais e alveolares quanto as oclusivas alveolares e dorsais favorecem a aplicação da regra, com índices maiores de 0,55. As oclusivas bilabiais e as nasais parecem neutras ao fenômeno. Enquanto as fricativas palatais e os contextos de pausa e vogal desfavorecem a vocalização, com índices abaixo de 0,40. Conforme a autora, quando seguida de vogal, /l/ se mantém como alveolar, uma vez que há ressilabação nesse contexto.

A última variável selecionada foi *contexto vocálico anterior*. Observa-se que a vogal /a/ favorece bastante a aplicação de [w] – peso relativo de 0,74. As vogais /u/, /i/, /o/ e /e/¹¹ apresentam índices abaixo de 0,45, indicando o desfavorecimento da regra. Este resultado também fora encontrado por Quednau (1993).

Costa apresenta, ainda, uma análise individual de cada informante. Observemos o gráfico reproduzido abaixo (p. 93).

¹¹ As vogais /ɔ, ε/ foram eliminadas da rodada devido a *knockout*.

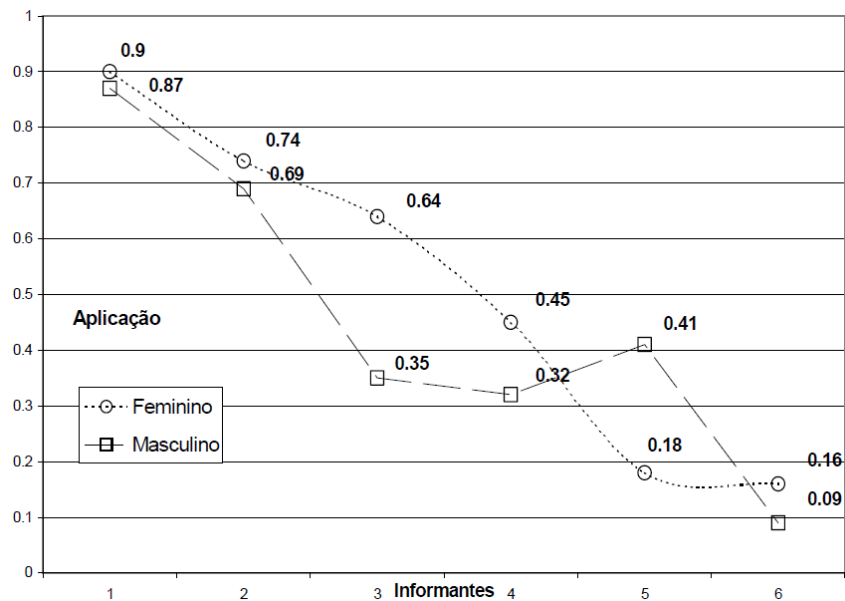


Gráfico 1 – Análise da regra de vocalização nos 12 informantes

Os informantes 1 e 2 representam a faixa etária (1); os informantes 3 e 4, a (2); e os informantes 5 e 6, a (3). A autora faz a seguinte constatação a partir deste gráfico:

[...] o índice de aplicação da regra de vocalização, considerando os informantes separadamente, conforma-se com os resultados já expostos. Também é possível observar claramente o percurso desta mudança na cidade de Porto Alegre: é provável que variantes como [l] e [ɫ] em coda silábica desapareçam, já que são características da fala de informantes mais idosos. (p. 93)

Costa dedicou um capítulo de seu trabalho para tratar da análise perceptiva que realizou com alunos da disciplina de Fonologia do curso de Letras da UFRGS. O objetivo deste teste de percepção é constatar a capacidade de o falante nativo perceber o tipo de mudança que se implementa. Como a vocalização de /l/ é considerada uma mudança neogramática, os resultados deste teste assinalaram a dificuldade dos falantes em distinguir sons graduais.

O exercício consistia em os alunos fazerem a transcrição fonética de alguns dados retirados do *corpus* do estudo. Os alunos ouviram duas vezes cada ocorrência antes de transcrevê-la. O índice percentual de erro de transcrição para a lateral pós-vocálica foi de

50%; enquanto o índice de desvio para o ditongo /ow/¹² – outro fenômeno analisado pela autora neste trabalho – foi de 17%.

Costa apresenta um gráfico indicando os percentuais de erro de transcrição para cada tipo de segmento realizado¹³. A lateral velarizada foi a que apresentou maior índice de desvio.

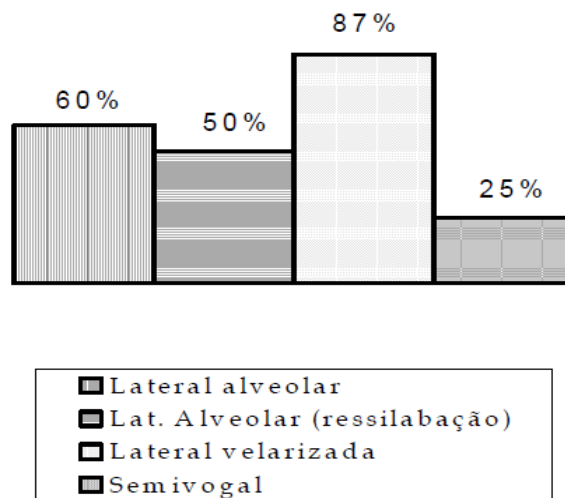


Gráfico 2 – Desvio quanto ao tipo de segmento em coda silábica

Podemos perceber no gráfico 2 que o falante consegue distinguir mais facilmente a semivogal em coda que os demais segmentos. Isso pode indicar que é mais difícil para falantes jovens (como é o caso aqui) perceberem um alofone que não faz parte de seu inventário fonético, como o [ɭ]. A autora pôde constatar nesta análise perceptiva que “a regra de vocalização de /l/, se comparada com outros processos que envolvem a lateral em coda silábica, parece ter um *status* gradual” (p. 100).

Costa conclui, a partir de seus resultados, que a vocalização é uma regra pós-lexical, o que vai de encontro à análise de Quednau (1993), que assevera ser a vocalização uma regra lexical. Ela apresenta evidências que a levaram a tal conclusão (p. 106-9).

¹² O fenômeno da monotongação é considerado difusionista, o que significa que é mais fácil para os falantes distinguirem sons discretos.

¹³ Costa não utilizou neste teste ocorrências com zero em coda silábica.

(a) Regras pós-lexicais não podem se referir à categoria gramatical	A variável <i>categoria gramatical</i> não foi selecionada na análise estatística realizada pela autora, assim como a variável <i>posição da lateral</i> , que examinava se a regra era sensível à fronteira de morfema.
(b) Regras pós-lexicais não têm exceções	Conforme a análise dos dados, sempre que // encontra-se em coda, a regra é aplicada ou tem condições de ser aplicada.
(c) Regras pós-lexicais podem não obedecer ao Princípio de Preservação de Estrutura	Em Português, a semivogal [w] não é distintiva. Temos, daí, uma forma alofônica, o que indica que a regra não está no âmbito do PPE.
(d) Regras pós-lexicais não são facilmente acessíveis à intuição do falante	Isto foi confirmado no teste de percepção, no qual ficou evidente a dificuldade apresentada pelos alunos em distinguir as diversas realizações fonéticas de // em coda.
(e) Regras pós-lexicais são sensíveis à informação entre fronteiras de palavras	A regra de vocalização é sangrada pela ressilabação que ocorre após a combinação de palavras (e.g. <i>mi[l e] uma</i>), o que confirma o seu caráter pós-lexical, de acordo com Costa.
(f) Regras pós-lexicais não obedecem à Condição de Ciclo Estrito	Este princípio atua apenas no nível lexical cíclico, o que nos leva a inferir que a vocalização não está comprometida com essa condição, podendo ser aplicada em formas derivadas e não-derivadas (o que ocorreu nos dados deste estudo).

Quadro 2 – Evidências do caráter pós-lexical da vocalização (Costa, 2003)

Costa apresenta, para finalizar, propriedades adicionais que sustentam o caráter neogramático da vocalização de // (p. 125):

- (a) É sensível ao contexto fonético, por isso é previsível.
- (b) É um processo natural, pois envolve a mudança de um traço, conforme a representação de Walsh (1997).
- (c) É socialmente afetada. Os falantes não têm nenhum grau de consciência social quanto à atuação desse tipo de mudança.

1.2.2 Análise sobre o Inglês

1.2.2.1 Johnson & Britain (2003)

Dedicaremos nas próximas páginas à síntese do trabalho de Johnson & Britain (2003) que, baseados na literatura existente e em dados coletados da região de Fenland, afirmam que a vocalização de /l/ tende a aparecer como um fenômeno natural em línguas que têm a dicotomia entre /l/ claro e escuro.

Neste artigo, os autores Johnson & Britain tratam exclusivamente da vocalização do *l escuro* em rima silábica. O *corpus* da análise são os dados coletados, principalmente, em Fens, no leste da Inglaterra, uma região bastante conhecida na literatura dialetológica como um lugar de importantes transições fonológicas. Como podemos observar no mapa¹⁴ abaixo, Fens (também chamada Fenland) é uma área que abrange parte do norte de Cambridgeshire, oeste de Norfolk e sul de Lincolnshire. Aparentemente, a vocalização de /l/ é um fenômeno relativamente novo no dialeto desta região, diferentemente do que se observa em outras áreas do sudeste inglês.

Segundo os autores, considerando-se o inglês britânico, a vocalização de /l/ é vista como uma característica da cidade de Londres que está se expandindo radialmente e, progressivamente, englobando mais dialetos. Há algumas localidades que se mostram resistentes a esta mudança linguística, o que se deve, de acordo com os autores, ao fato de alguns dialetos não terem estabelecida a alofonia entre *l claro* e *l escuro*.

¹⁴ Este mapa foi baseado na figura encontrada em Johnson & Britain p. 3 e nos mapas encontrado nos seguintes endereços eletrônicos <http://gif1.luventicus.org/mapas/inglaterra/cambridge.gif> e <https://segue.atlas.uiuc.edu/uploads/awadhwa2/england.gif>.

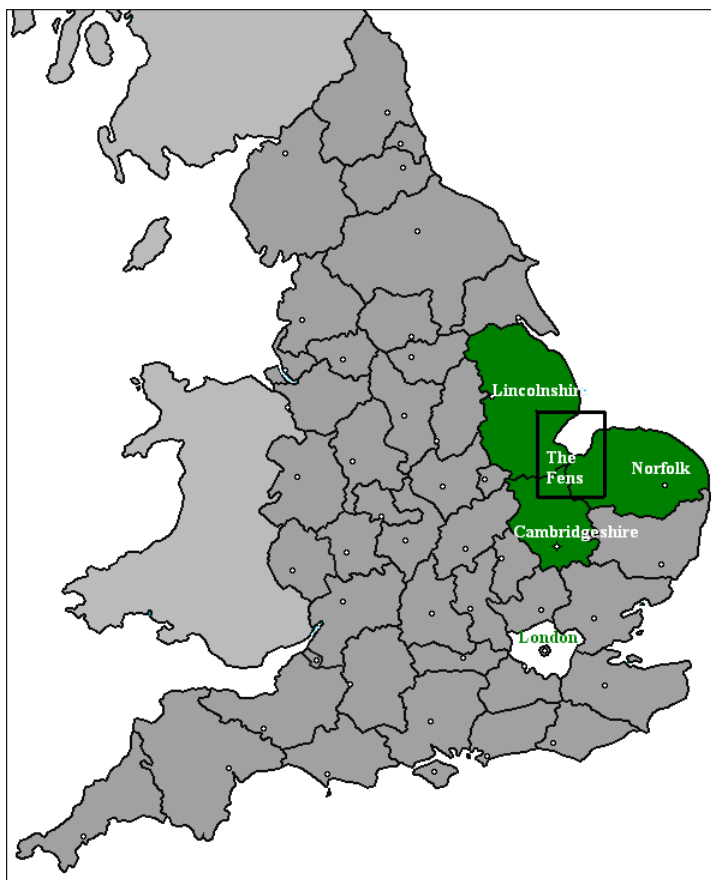


Figura 2 – A localização de Fens, no leste da Inglaterra

Johnson & Britain defendem, neste trabalho, que, dadas certas circunstâncias basicamente fonéticas, se espera a emergência do *l escuro* vocalizado, o que deveria ser visto como um exemplo de emergência do não-marcado. Para defender sua visão de que o fenômeno é resultado da emergência do não-marcado e que [w] é, de fato, não-marcado, eles apresentam a seguinte explicação:

the unmarked is expected to emerge in language change, in early child language and cross-linguistically. Unmarked forms will tend to be phonetically more natural as well as structurally simpler. All these tests are met by vocalised /l/. Historically, [...] rhyme /l/ has disappeared in certain environments in a number of waves, and currently the procedure is making rapid progress. Children acquiring English tend strongly to replace dark /l/ with /w/ or a vowel /u/, even when no vocalisation is apparent in the ambient dialect. Evidence of synchronic and diachronic vocalisation can be found in many languages. As far as the phonetic reality of dark /l/ is concerned, it is a complex segment with both dorsal and coronal gestures, the loss of the coronal gesture leads to a structurally simpler segment. (p. 7)

Os autores afirmam que é mais provável ocorrer vocalização na rima silábica de dialetos em que há a distinção de marcação entre *l claro* e *l escuro*, ou em dialetos em que /l/ é relativamente velarizado em todas as posições da sílaba. Se este argumento está correto, então dialetos que possuem apenas *l claro* em qualquer posição da sílaba não devem ser propensos à vocalização¹⁵, e aqueles dialetos que adquiriram recentemente a distinção *claro/escuro* devem ser menos propensos a vocalização. Em dialetos tradicionais do East Anglia¹⁶, /l/ era alveolar em todas as posições até certa parte do século XX, e ainda há falantes da área rural do leste de Norfolk que pronunciam, por exemplo, [hil] para *hill*. Apesar de os dialetos da região de Fens serem distintos daqueles de Norfolk que não fazem parte de Fenland, o resíduo da emergência tardia da distinção entre *claro/escuro* pode ser observado pelos baixos níveis de vocalização nas partes de Norfolk que fazem parte de Fenland. O gráfico 3 abaixo mostra as diferenças regionais, dentro de Fens, entre os falantes mais jovens (entre 15 e 30 anos) e os mais velhos (entre 45 e 65 anos).

¹⁵ Este é o caso da Irlanda do Sul, onde /l/ é [l] em qualquer posição silábica (Hickey, 1999 *apud* Johnson & Britain, 2003).

¹⁶ East Anglia é uma região do leste da Inglaterra, que inclui Norfolk, Suffolk e partes de Cambridgeshire e Essex. Trata-se de uma área agrícola, produtora de grãos.

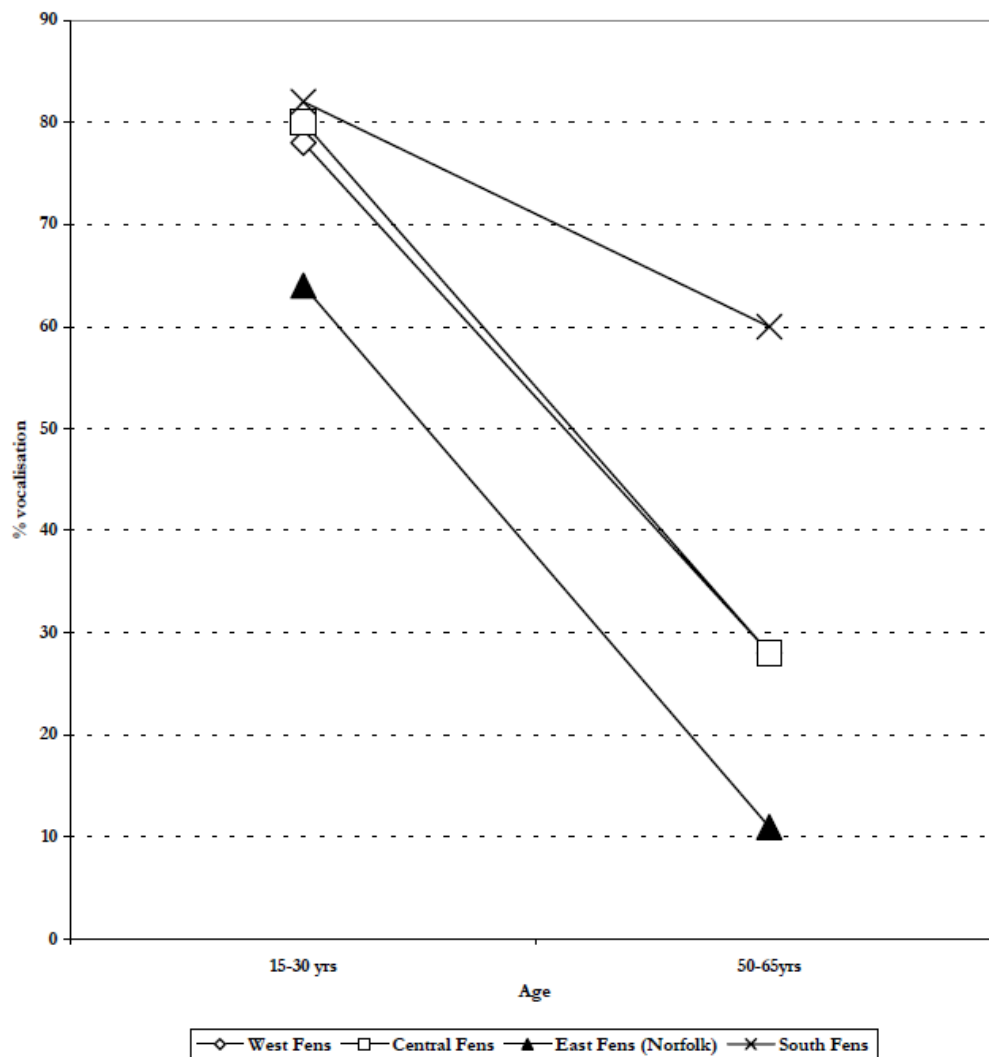


Gráfico 3 – Vocalização e idade na região de Fenland (Johnson & Britain, 2003, p. 10)

De acordo com os autores, é mais fácil compreender a recente difusão do fenômeno quando pensamos no, também recente, desenvolvimento da distinção entre *l claro/escuro*. Aparentemente, tal distinção era bastante restrita antes de meados do século XIX, uma vez que não há comentários sobre a alofonia de /l/ nos registros sobre dialetos de inglês do final do século XIX. Johnson & Britain apresentam um mapa, baseado no *Linguistic Atlas of England* (ver Figura 3 abaixo), mostrando que, em torno da década de 1960, o /l/ velarizado expandiu-se por parte do sul da Inglaterra, enquanto todo o norte, o oeste de Midlands e Norfolk mantiveram [l] na posição de rima silábica. Pequenas áreas apresentaram vocalização naquela época (Surrey, Sussex, Essex e Oxfordshire).

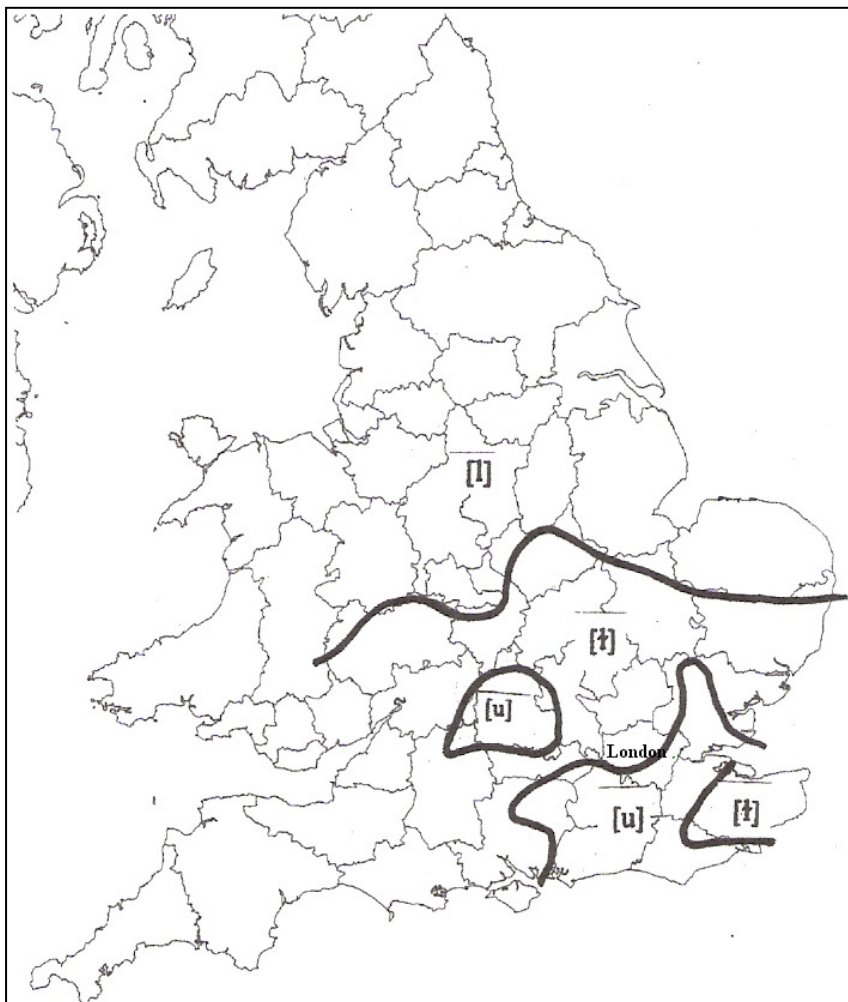


Figura 3 – A realização de /l/ em posição de núcleo em meados do séc. XX na Inglaterra

Outra possível evidência do desenvolvimento recente da distinção de /l/ *claro* e *escuro* está no surgimento da variedade pós-colonial, do século XIX, do inglês neozelandês, sotaque que emergiu através do contato de dialetos, predominantemente dialetos do sul da Inglaterra. Os autores justificam:

The evidence suggests then that the clear-dark /l/ distinction was not at all widespread before the middle of the 19th century. Both Trudgill (in press) and Bauer (1986) comment on the fact that in New Zealand English *today* /l/, even in prevocalic contexts, is quite 'dark'. The segment, thus, has moved from being clear in most contexts to being clear in virtually none in just over a century. This New Zealand evidence is important because it shows that non-clear variants are very unlikely indeed to have been 'exported' from Britain to other, earlier, colonial speech communities since they were not present in the relevant British dialects at the time of settlement by Anglophones. (p. 11)

Os autores analisam alguns fatores fonológicos que podem influenciar na vocalização da lateral. Eles observam os efeitos da duração da vogal precedente, da consoante precedente ao /l/ silábico e da vogal seguinte sobre o fenômeno.

Alguns estudos citados pelos autores indicam que vogal precedente longa favorece mais a vocalização do que vogal curta (Horvath & Horvath, 1996; Spero, 1996; Meuter, 2002). Os de Fens corroboram os resultados dos trabalhos anteriores. Adolescentes e jovens (20-30 anos) de Fenland apresentam maiores índices de vocalização quando a vogal precedente é longa, 83% e 72%, respectivamente. Os índices de vocalização quando a vogal precedente é curta é de 77% para os adolescentes e de 62% para os jovens. Entre os falantes mais velhos (50-65 anos), o índice de vocalização é de 24% para contexto precedente tanto de vogal longa quanto de vogal curta.

Embora alguns pesquisadores tenham destacado a ocorrência de encurtamento da vogal longa antes do /l/ vocalizado nas proximidades de Londres, Johnson & Britain observam que em Fens essa co-ocorrência de fenômenos não se verifica. As palavras *pill* e *peel*, por exemplo, se mantêm distintas mesmo quando vocalizadas.

Em relação ao contexto precedente ao /l/ silábico (em posição de núcleo), análises variacionistas recentes mostram que consoantes coronais /t, d/ desfavorecem o fenômeno, o que está de acordo com análises feitas no início do século XX, de acordo com o levantamento feito pelos autores. Johnson & Britain relatam que os trabalhos de Horvath & Horvath (1996, 1997), sobre o inglês australiano, e de Meuter (2002), com crianças da escola primária de Colchester, constataram que C dorsal como contexto precedente ao /l/ favorece a vocalização. Enquanto os estudos de Spero (1996), com adultos de Colchester e Southend, e Horvath & Horvath (2001), sobre a vocalização no inglês da Nova Zelândia, indicaram que C labial favorece mais a vocalização. Os dados de Fens, de modo geral, indicam que os pontos de articulação que possuem maior afinidade com a articulação da lateral apresentam um efeito inibidor sobre o fenômeno (i.e. coronal – 31% – e dorsal – 41%)¹⁷, e os pontos de articulação que não compartilham traços com /l/ favorecem a vocalização (i.e. labial – 50% – e glotal – 51%)¹⁸.

¹⁷ Estes percentuais estão relacionados aos dados de forma geral, sem separá-los pela idade dos informantes.

¹⁸ Estes percentuais estão relacionados aos dados de forma geral, sem separá-los pela idade dos informantes.

O resultado para a consoante precedente dorsal, entretanto, não corresponde à expectativa dos autores. O fato de /l/ velar possuir o traço dorsal poderia indicar que o seu contato com a C precedente dorsal promoveria a vocalização. Johnson & Britain sugerem que o fator inibidor da C dorsal sobre [ɫ] seria resultado do OCP (Princípio do Contorno Obrigatório).

A vocalização antes de vogais (e.g. *trouble is, all empty*) é praticamente inexistente nos dados de Fens. Apenas dois *tokens* são encontrados em todo o *corpus*. Os autores afirmam que os falantes de Fens utilizam um *l* relativamente *claro* nos contextos pré-vocálicos, favorecendo a ocorrência de ressilabação. Entretanto, em outros dialetos, a vocalização é amplamente registrada; como no inglês de Londres (Tollfree, 1999), da Austrália e Nova Zelândia (Horvath & Horvath, 2001), e de Cambridge (Wright, 1989).

Os autores finalizam seu trabalho reiterando que dialetos resistentes à expansão da vocalização são aqueles que desenvolveram tardiamente a dicotomia em questão, uma vez que se trata de um fenômeno natural e esperado, especialmente nos dialetos ou línguas que apresentam a distinção entre [l] e [ɫ]. Johnson & Britain asseveram que as análises fonéticas realizadas neste trabalho demonstram que *l escuro* deveria não apenas ser vocalizado, como também, desenvolvido na rima. Espera-se que a mudança linguística proceda na direção do não-marcado. A intenção dos autores era exatamente demonstrar, através de sua análise e levantamento bibliográfico diacrônico e sincrônico, que a vocalização é uma opção não-marcada.

Destas considerações, os autores levantam a seguinte questão: se o processo é natural e esperado, por que ele não se desenvolveu em todos os dialetos do inglês? Eles mesmos respondem: a vocalização de /l/ é menos saliente que algumas mudanças que ocorrem na língua. Johnson & Britain citam o estudo de Scobbie & Wrench (2003), no qual todos os sujeitos vocalizaram em maior ou menor grau. Estes sujeitos eram falantes de variedades não-vernaculares de inglês, alguns de localidades que vocalizam e outros de localidades que tradicionalmente não vocalizam. Esta descoberta parece sugerir que o /l/ vocalizado poderia, eventualmente, tornar-se categórico, pelo menos em alguns contextos lingüísticos.

1.2.2.2 Hayes (1998)

O estudo de Hayes (1998) terá um espaço um pouco maior dedicado à sua síntese por tratar-se de um de trabalho bastante importante. Nele, Hayes informa sobre a existência de variação de /l/ no inglês americano; descreve a influência que o *dark l* tem sobre as vogais; apresenta a proposta de Sproat e Fujimora (1993), mas considera uma alternativa; e, finalmente, porque discute a questão da variação e da realização gradiente com uma perspectiva fonológica. Passemos a ele.

Hayes analisa a variação entre *l claro* e *l escuro* no inglês americano para testar a proposta que apresenta neste artigo, a qual deu origem, posteriormente, à teoria OT estocástica (Hayes e Boersma, 2001), uma proposta bastante conhecida para tratar de fenômenos variáveis em Teoria da Otimidade. O autor sugere uma pequena modificação no modelo da Teoria da Otimidade (Prince & Smolensky, 1993), que permite delinear fenômenos nos quais a intuição do informante é gradiente, oscilando entre os extremos da boa-formação e da má-formação. Hayes resume sua proposta da seguinte forma:

The proposal consists of assigning to certain constraints *bands of values* along a reified continuum of constraint strictness. When a particular form can be generated only by assigning a constraint a strictness value within a designated “fringe” of the strictness band, the grammar generates the form marked with an intermediate degree of well-formedness. (p. 01)

Segundo o autor, no dialeto americano *l claro* e *escuro* são bastante velarizados (com o corpo da língua em posição posterior). O alofone *claro* [l] é menos posterior que o *escuro* [ɫ] e apresenta contato entre a lâmina da língua e a região alvéolo-dental. O *escuro* [ɫ] é mais posterior e, “em uma fala mais casual, se não pré-vocálico” (p. 07), pode perder completamente seu contato com a lâmina da língua, tornando-se um tipo de vocoide alto posterior com compressão na parte lateral da língua¹⁹.

Uma questão fonética que Hayes destaca aqui é a alofonia encontrada em vogais que antecedem [ɫ]. Tais vogais são posteriorizadas, recebem um schwa *off-glide*, se frontais ou altas, e tornam-se, caso contrário, monotongos. /a/ é levemente arredondada; e os “ditongos verdadeiros” /ai, au, oɪ/ recebem um schwa *off-glides*.

¹⁹ Em vários dialetos, o [ɫ] pode perder sua lateralidade completamente, tornando-se uma vogal posterior. Este fenômeno não ocorre nas variedades americanas estudadas neste artigo. [nota do autor]

Abaixo reproduzimos o quadro com um levantamento de casos de alofonia das vogais.

Default Quality	Example	Pre-[t] Allophone	Example
[i]	<i>tree</i> [tri:]	[iə]	<i>feel</i> [fiət]
[ɪ]	<i>fit</i> [fit]	[ɪə]	<i>fill</i> [fiət] ⁵
[eɪ]	<i>pay</i> [peɪ]	[eə]	<i>pail</i> [peət]
[ɛ]	<i>set</i> [sɛt]	[ɛə]	<i>sell</i> [sɛət] ⁵
[æ]	<i>pat</i> [pæt]	[aə]	<i>pal</i> [paət]
[ɰu]	<i>do</i> [dɰu]	[uə]	<i>fool</i> [fuət]
[oʊ]	<i>foe</i> [foʊ]	[ɔ:]	<i>foal</i> [fo:t]
[ʊ]	<i>put</i> [pʊt]	[ʊə]	<i>pull</i> [pʊət] ⁵
[ʌ]	<i>but</i> [bʌt]	[ʌ]	<i>dull</i> [dʌt]
[ɔə]	<i>saw</i> [sɔə]	[ɔ]	<i>Saul</i> [sɔt]
[ɑ]	<i>Pa</i> [pɑ]	[ɒ]	<i>all</i> [ɒt]
[aɪ]	<i>tie</i> [taɪ]	[aɪə]	<i>tile</i> [taɪət]
[aʊ]	<i>cow</i> [kaʊ]	[aʊə]	<i>cowl</i> [kaʊət]
[ɔɪ]	<i>boy</i> [bɔɪ]	[ɔɪə]	<i>boil</i> [bɔɪət]

Quadro 3 – Alofonia vocálica diante de [t] (Hayes, p. 8)

Para coletar seu *corpus*, Hayes selecionou dez falantes nativos de inglês americano, sendo metade deles linguista e a outra metade não. A cada participante foram apresentadas dezessete palavras, algumas contextualizadas em sentenças para deixar claro o seu sentido. Cada palavra continha um /l/ e era pronunciada pelo autor de duas formas, uma com *l claro* [l] e outra com *l escuro* [ɫ]. Os participantes foram solicitados a classificar ambas as pronúncias de acordo com uma escala de 1 a 7, na qual 1 designava “sounds just right, perfect normal in my dialect of English” e 7 designava “sounds awful, I would never say it that way”. Ademais, os participantes foram convidados a marcar, caso julgassem apropriado, a alternativa mais adequada para cada palavra, a saber: “casual: to the extent it’s acceptable, it’s acceptable in casual speech only”; e “formal: to the extent that it’s acceptable, it’s acceptable in formal, careful speech only” (p. 9).

De acordo com Hayes, os participantes consideraram a tarefa difícil, e a variância em suas respostas foi bastante alta. “The view taken here is that in any individual instance,

the judgments were indeed subject to apparently random influences. However, when averaged over all the consultants, the results formed a quite coherent pattern.” (p. 9)

O autor dividiu seu *corpus* em 6 grupos. O primeiro grupo analisa vocábulos que, de acordo com o julgamento de Hayes e, também, conforme os resultados da pesquisa, obrigatoriamente são produzidos com [l]. Os contextos aqui analisados são (1) /l/ em posição pré-tônica, ou seja, /l/ encontra-se imediatamente antes da vogal acentuada, e.g. *light, aloud, balloon, apply*; e (2) /l/ em início de palavra em posição pré-átona, ou seja, a vogal seguinte ao /l/ não possui acento, e.g. *Lamark, Louanne*. Ele afirma que se qualquer uma das formas em (1) ou (2) for pronunciada com [ɫ], o resultado soará “engraçado”.

Os resultados obtidos neste primeiro grupo de análise são apresentados abaixo. Aqui, os vocábulos utilizados foram *light* e *Louanne*. A coluna “ σ ” se refere ao desvio padrão, para descrever o quanto diferenciou a avaliação de um participante para o outro.

Word	with [l]:		with [ɫ]:	
	mean	σ	mean	σ
<i>light</i>	1.30	0.48	6.10	1.10
<i>Louanne</i>	1.10	0.32	5.55	1.74
average for both words	1.20	0.41	5.83	1.44

Tabela 1 – Uso obrigatório de [l] (p. 10)

O segundo grupo analisado consiste em vocábulos que são produzidos obrigatoriamente com [ɫ]. Os contextos observados aqui são (3) /l/ em contexto pré-consonantal, e.g. *fault, help, shelter*; e (4) /l/ em posição final de palavra, e.g. *feel, whole*. A pronúncia dos vocábulos em (3) e (4) com [l] também teria um “efeito cômico”, de acordo com Hayes. Ele observa que isto poderia causar algum constrangimento a um falante estrangeiro, cuja língua materna possui apenas *l claro*.

A tabela abaixo exhibe os resultados da avaliação que os participantes fizeram das palavras *bell* e *help*.

Word	with [l]:		with [ɫ]:	
	mean	σ	mean	σ
<i>bell</i>	6.60	0.97	1.20	0.42
<i>help</i>	6.60	0.97	1.05	0.16
average	6.60	0.94	1.12	0.32

Tabela 2 – Uso obrigatório de [ɫ] (p. 10)

A terceira análise realizada considerou a variação livre entre *l claro* e *escuro*, com o /l/ em contexto intervocálico e posição pré-átônica. Conforme o autor, os vocábulos *Mailer*, *Hayley*, *Greeley* e *Daley* podem ser pronunciados tanto com [l] quanto com [ɫ]. Na tabela 3 a seguir, podemos observar que a apreciação feita pelos participantes demonstra a aceitabilidade de ambas as variantes.

Word	with [l]:		with [ɫ]:	
	mean	σ	mean	σ
<i>(Norman) Mailer</i>	2.00	1.33	2.00	1.33
<i>Hayley (Mills)</i>	1.55	0.96	3.05	1.83
<i>(Horace) Greeley</i>	1.80	1.32	2.70	1.77
<i>(Mayor) Daley</i>	2.25	1.48	2.80	1.62
average	1.90	1.26	2.64	1.63

Tabela 3 – Variação livre entre [l] e [ɫ] (p. 11)

Hayes observa, entretanto, que a realização de /l/ intervocálico e pré-átônico é influenciado pela morfologia. Se /l/ é o primeiro segmento do sufixo, a preferência tende fortemente ao *l claro*. O autor registra a transcrição dos exemplos com *l escuro* antecedido por “?”, conforme abaixo (p. 11).

- (1)
- | | |
|------------------|---------------------------------------------------|
| <i>free-ly</i> | [¹ fiɪli], ?[¹ fiəɫi] |
| <i>dai-ly</i> | [¹ deɪli], ?[¹ deəɫi] |
| <i>gray-ling</i> | [¹ gɹeɪliŋ], ?[¹ gɹeəɫiŋ] |
| <i>eye-let</i> | [¹ aɪlət], ?[¹ aɪəɫət] |

As formas analisadas pelos participantes e os resultados obtidos são apresentados na tabela 4.

Word	with [l]:		with [ɫ]:	
	mean	σ	mean	σ
<i>gray-ling</i>	1.39	0.49	3.17	2.32
<i>gai-ly</i>	1.45	0.76	3.65	2.14
<i>free-ly</i>	1.85	1.25	3.20	1.81
average	1.57	0.87	3.34	2.03

Tabela 4 – /l/ em início de sufixo: [l] e ?[ɫ] (p. 11)

De modo contrário, se um sufixo que inicia com uma vogal é adicionado a uma raiz que termina com /l/, a forma com [ɫ] é a preferida, e a com [l] merece um “?”, assevera Hayes. Vejamos os exemplos apresentados pelo autor (p. 12).

(2)

<i>(touchy-)feel-y</i>	[^h fiəɫi], ?[^h fi:li]
<i>heal-ing</i>	[^h hiəɫɪŋ], ?[^h hi:lɪŋ]
<i>mail-er</i> ‘one who mails’	[^h meəɫə], ?[^h meɪlə]

A tabela 5 a seguir apresenta as formas testadas por Hayes.

Word	with [l]:		with [ɫ]:	
	mean	σ	mean	σ
<i>mail-er</i>	2.80	2.20	2.00	1.41
<i>hail-y</i>	4.00	1.80	1.56	1.01
<i>gale-y</i>	3.39	2.42	2.28	1.86
<i>(touchy-)feel-y</i>	2.00	1.49	2.20	1.87
average	3.01	2.06	2.01	1.54

Tabela 5 – /l/ em final de raiz antes de vogal em início de sufixo: [ɫ] e ?[l] (p. 12)

O autor analisou, também, /l/ pré-vocálico quando este se encontra em final de palavra e a palavra seguinte inicia-se com vogal, como em *mail it*. De acordo com Hayes, este caso é uma forma exagerada do anterior, uma vez que a preferência pelo [ɫ] é extremamente alta.

Word	with [l]:		with [ɫ]:	
	mean	σ	mean	σ
<i>mail it</i>	4.40	1.71	1.10	0.32

Tabela 6 – ___##V→ [ɫ] (p. 12)

Hayes utiliza-se das ferramentas necessárias e disponíveis a fim de dar credibilidade à sua pesquisa, certificando-se de que as diferenças de julgamento entre as várias categorias não são apenas resultado de flutuações aleatórias (o que ele admite ocorrer em abundância), mas são, sim, efeito de diferenças estruturais subjacentes. Não apresentaremos, porém, sua metodologia adotada para este fim, apenas reproduziremos abaixo um resumo no qual o autor reduz os dados numéricos da pesquisa às categorias tradicionais “✓”, “?”, “??” e “*” (p. 14).

(3)

	<u>as light</u>	<u>as dark</u>
<i>light, Louanne</i>	✓ (1.20)	* (5.83)
<i>gray-ling, gai-ly, free-ly</i>	✓ (1.57)	? (3.34)
<i>Mailer, Hayley, Greeley, Daley</i>	✓ (1.90)	✓ (2.64)
<i>mail-er, hail-y, gale-y, feel-y</i>	? (3.01)	✓ (2.01)
<i>mail it</i>	?? (4.40)	✓ (1.10)
<i>bell, help</i>	* (6.60)	✓ (1.12)

A respeito desta síntese, o autor observa “In principle, one might analyze more finely, but given the uncertainties and high standard deviations, it seemed advisable to work with a fairly coarse well-formedness grid.” (p. 14).

A seção de análise deste trabalho inicia com o estabelecimento de restrições. Seguindo a visão tradicional em fonética, o autor atribui a variação em /l/ a princípios conflitantes baseados na articulação e na percepção. A perda ou diminuição do caráter alveolar de [ɫ] parece ser um caso claro de *lenição*, processo caracterizado pelo esforço articulatorio. Assim, temos a restrição

(4) /l/ é escuro

que, segundo Hayes, tem o defeito de ser categorial, e não gradiente. Hayes justifica que a formulação da restrição no molde gradiente seria possível, mas exigiria um desenvolvimento teórico que não caberia no artigo.

Para apresentar a próxima restrição, ele cita o estudo de Sproat & Fujimura (1993), o qual revela que o *l escuro* do inglês é temporalmente *assimétrico*: “it begins with a tongue body backing gesture and then in most cases continues with the blade-raising gesture.”²⁰ (p. 15). Steriade (1997), que estuda a fonotática de segmentos *temporalmente assimétricos*, possui uma proposta, também citada por Hayes, que vai ao encontro da descoberta de Sproat & Fujimura (1993):

if the acoustic cues for a particular consonant lie on one side of the consonant, then there is a very strong tendency for phonologies to require that side of the consonant to be vowel-adjacent. Thus aspirated stops are often limited to prevocalic position, preaspirated stops to postvocalic position. (p. 15)

Desta forma, esperar-se-ia que as línguas limitassem [ɬ] à posição pós-vocálica. Como afirma o autor, é evidente que [ɬ] impõe um forte grau de co-articulação sobre a vogal precedente (ver quadro (1) acima). Esta co-articulação desempenha um papel ainda maior ao tornar [ɬ] identificável. Se *l escuro* fosse permitido em outra posição que não a pós-vocálica, seria mais difícil detectá-lo e seria um risco confundi-lo com /w/, ao qual é acusticamente semelhante. É baseado em Steriade (1997), então, que Hayes estabelece a seguinte restrição

(5) // *escuro* é pós-vocálico.

A próxima restrição é um reflexo gramatical de considerações sobre a soltura articulatória de // pré-vocálico.

(6) // *pré-vocálico* é claro.

Espectrogramas de // pré-vocálico mostram que no movimento de soltura da lâmina da língua, um rápido aumento da amplitude e nítidas alternâncias de formantes são produzidos, o que daria fortes indícios da presença de // *claro* pré-vocálico.

²⁰ “In light [l], the blade raising gesture is invariant and robust, and often comes somewhat earlier than the tongue body backing gesture.” (p. 15)

O autor supõe que a vogal acentuada forme o melhor contexto acústico para as transições de formantes criadas em um [l]²¹. Temos, assim, uma restrição similar, porém, mais estrita:

(7) // *pré-tônico é claro*

Para os casos em que a presença de fronteira de morfema antes ou depois de // é decisivo (dados em (1) e (2) acima), Hayes propõe restrições que limitam alternância entre alomorfes de superfície, como as apresentadas em McCarthy and Prince (1995), Benua (1995), Kenstowicz (1996, 1997), Steriade (1996), Burzio (1997), e outros. Referindo-se a elas como restrições de Uniformidade Paradigmática, o autor estabelece esta restrição de forma esquemática:

(8) *Uniformidade Paradigmática*

Formas morfológicamente derivadas não podem ser diferentes de suas bases na Propriedade X.

De modo geral, a Uniformidade Paradigmática, neste caso específico, requer que as formas morfológicamente derivadas possuam a qualidade vocálica de suas bases, e isto indiretamente regula a distribuição de *l claro* e *escuro*, como podemos verificar pelo quadro (1) acima. Outra consideração sobre a Uniformidade Paradigmática apresentada pelo autor é que, se em *mail-er* temos “?” para [l] (3.01 a média dos participantes) e em *mail it* temos “??” para [l] (4.40), isso significa que o efeito da Uniformidade Paradigmática é mais forte em construções frasais que em formas sufixadas. A justificativa para isso é que a alternância vocálica tende a ser inibida em domínios fonológicos mais altos.

In the present approach, employing Optimality Theory and Paradigm Uniformity, an appropriate implementation of this idea would be to suppose that the Paradigm Uniformity constraints are *a priori* stricter for higher levels; for example, stricter in phrases than in words. For the case at hand, we can suppose that there are separate constraints of Paradigm Uniformity for phrasal versus morphological contexts, with the former ranked within UG as necessarily stricter than the latter. (p. 17)

Assim, Hayes estabelece as últimas restrições necessárias:

(9) *Uniformidade Paradigmática (qualidade vocálica, frasal)*

²¹ Certamente vogais acentuadas licenciam outra importante classe de sons temporalmente assimétricos em inglês, que são as oclusivas aspiradas (p. 16).

(10) *Uniformidade Paradigmática (qualidade vocálica, morfológica)*

Abaixo reproduzimos a lista de restrições com as abreviações que foram usadas no trabalho de Hayes (p. 18).

(11)	/l/ is dark	/l/ is dark
	Dark [ɫ] is postvocalic	[ɫ] is /V___
	Prevocalic /l/ is light	prevocalic:[l]
	Pretonic /l/ is light	pretonic:[l]
	Par. Uniformity(Vowel quality, phrasal)	PU(phrasal)
	Par. Uniformity (V quality, morphological)	PU(morphol)

Vejamos então o ranking obtido por Hayes, considerando que formas monomorfêmicas com /l/ intervocálico e pré-tônico (e.g. *Greely*) apresentam variação livre. /l/ pré-vocálico é claro e /l/ é escuro estão livremente ranqueados.

(12)

		PRETON- IC:[l]	[ɫ] IS /V	PU(PHRA- SAL)	PU(MOR- PHOL)	/l/ IS DARK	PREVO- CALIC:[l]
a. light	☞ [laɪt]					*	
	*[ɫaɪt]	*!	*				*
b. Louanne	☞ [lu'æn]					*	
	*[ɫu'æn]		*!				*
c. gray-ling	☞ ['greɪ-lɪŋ]					*	
	*['greə-ɫɪŋ]				*!		*
d. Greeley	☞ [gri:li]						*
	*[gri:li]					*!	
e. mail-er	☞ [meɪl-ə]						*
	*[meɪl-ə]				*!	*	
f. mail it	☞ ['meɪl it]						*
	*['meɪl it]			*!		*	
g. help	☞ ['hɛɫp]						
	*['hɛlp]					*!	

Tableau 1

Sobre este *tableau*, as mais importantes afirmações feitas pelo autor são as seguintes:

- Em (12d) *Greely*, o melhor candidato é // *escuro*, uma vez que a restrição // *é escuro* é ranqueada acima de // *pré-vocálico é claro*²².
- Em (12g) *help*, as violações de restrição estão em uma relação de subconjunto, portanto, em qualquer *ranking* adotado, [t] será o escolhido.
- Em (12e, f) *mail-er* e *mail it*, as restrições de *Uniformidade paradigmática morfológica* e *frasal*, respectivamente, forçam a escolha pelo *l escuro*, apesar do surgimento de *l claro* em posição pré-vocálica. A base morfológica que rege ambas as restrições *PU* é *mail*, que recebe [t] obrigatoriamente pelas mesmas razões de *help*.

Passamos agora à seção de seu trabalho que trata da boa-formação gradiente. Hayes inicia retomando os casos julgados por seus participantes como boa-formação intermediária:

- Formas como *gray-ling* tendem a preservar a qualidade da vogal da raiz ([ei] de *gray* [ˈgɹeɪ]) a adotar [eɪ], que é encontrada antes de [t]. Uma vez que as restrições relacionadas à qualidade vocálica e a posterioridade de // são não-domináveis, isso significa que *gray-ling* prefere [l]: [ˈgɹeɪlɪŋ], ? [ˈgɹeɪtɪŋ]
- Formas como *mail-er* tendem a preservar *l escuro* e a qualidade co-articulada da vogal de suas bases; assim, é devido a sua base (*mail* [ˈmeɪt]), que [ˈmeɪtə] é preferida sobre ? [ˈmeɪtə].
- O mesmo ocorre com formas como *mail it*, apenas o julgamento dos participantes é mais forte: [ˈmeɪt it], ??[ˈmeɪl it].

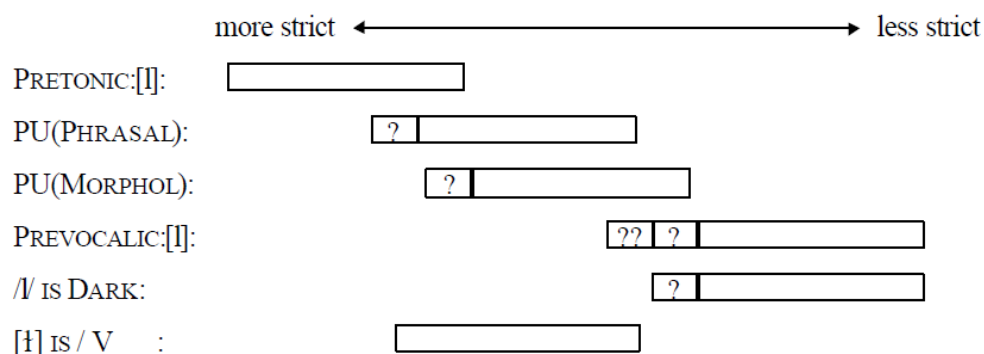
Como já foi dito, as restrições // *pré-vocálico é claro* e // *é escuro* são livremente ranqueadas, como podemos perceber pela variação em formas monomorfêmicas (e.g. *Greely*). Entretanto, em formas sufixadas, nenhuma destas restrições é forte o suficiente

²² No *tableau* realizado sem considerar a variação livre, // *pré-vocálico é claro* domina // *é escuro*, temos como resultado neste caso, então, // *claro* para *Greely*.

para superar as restrições de Uniformidade Paradigmática, que obrigam [l] e [ɫ] condicionada pela raiz da palavra.

Ao acrescentar um intervalo às restrições, é possível obtermos descrições mais precisas, como, por exemplo, se os intervalos das restrições // pré-vocálico é claro e // é escuro se estendem em direção às áreas ocupadas pelas restrições de Uniformidade Paradigmática, tornar-se-ia possível analisar os julgamentos de boa-formação gradiente.

(13)



Das seis restrições e de seus respectivos intervalos e bordas acima, Hayes estabelece uma lista de ranking pareado, a fim de obter predições sobre boa-formação (p. 24-5 – destaques do autor).

(14)

a. *Ranking* é **irrelevante** porque não há consequências empíricas.

PRETONIC:[l] com relação a [ɫ] IS / V___	(Ambas excluem [ɫ].)
PRETONIC:[l] com relação a PREVOCALIC:[l]	(Ambas excluem [ɫ].)
[ɫ] IS / V___ com relação a PREVOCALIC:[l]	(Ambas excluem [ɫ].)
[ɫ] IS / V___ com relação a PU(MORPHOL)	(Não se requer que bases iniciem com [ɫ].)
[ɫ] IS / V___ com relação a PU(PHRASAL)	(Não se requer que bases iniciem com [ɫ].)
PU(MORPHOL) com relação a PU(PHRASAL)	(As restrições não se aplicam a domínios conjuntos)

b. *Ranking* é **livre**, porque a faixa central dos intervalos se sobrepõem:

PREVOCALIC:[l] com relação a // IS DARK: *Gree*[l,ɫ]ey, etc.

c. O *ranking* apresentado apenas é possível colocando um ponto de seleção entre as **bordas** “?” das restrições (o ranking oposto está disponível livremente):

PREVOCALIC:[I] » PU(MORPHOL): *mai*[?l, †]er, etc.

// IS DARK » PU(MORPHOL): *gray*-[l, †]ing, etc.

d. O *ranking* apresentado apenas é possível colocando um ponto de seleção entre as **bordas** (*fringes*) “??” das restrições (o ranking oposto está disponível livremente):

PREVOCALIC:[I] » PU(PHRASAL): *mai*[?l, †] it, etc.

e. *Ranking* é obrigatório, porque os intervalos não se sobrepõem nem mesmo nas bordas:

[†] IS / V___ » // IS DARK: [l, *†]ouanne, etc.

Estabelecidos estes *rankings*, “*”, “??” e “?” podem ser designados. Para cada pareamento de *input* e *output*, busca-se encontrar: (a) se qualquer escolha de pontos de seleção entre as barras permite uma gramática na qual o *output* derrota todos os concorrentes e é, então, gerado; (b) se sim, qual escolha minimiza o uso de bordas “??” e “?”, naquela ordem de prioridade. O resultado do *tableau*²³ feito pelo autor é o mesmo que podemos observar em (3) acima.

Hayes apresenta o seguinte resumo dos diversos casos (p. 25):

- É, de fato, possível gerar ?*gray*-[†]ing, ?*mai*[l]-er, e ??*mai*[l] it, entretanto, somente se colocar um ponto de seleção entre a borda “?” de // *é escuro*, a borda “?” de // *pré-vocálico é claro*, e a borda “??” de // *pré-vocálico é claro*, respectivamente.
- A variação livre entre *Gree*[l]ey e *Gree*[†]ey funciona apenas como o fez no *tableau* em (12).
- Em *light*, a dominância de // *é escuro* por // *pré-tonico é claro* exige um “*” para o candidato [†].

²³ Este *tableau* pode ser baixado para análise no website do autor: <http://www.humnet.ucla.edu/humnet/linguistics/people/hayes/hayes.htm>.

- Da mesma forma, a completa má-formação de *Louanne* com [ɥ] é garantida pela dominância de // *é escuro* por // *escuro é pós-vocálico*.
- *Bell* e *help* recebem obrigatoriamente [ɥ], porque não há restrição no sistema que forçaria [l].

Para finalizar, consideramos interessante reproduzirmos algumas considerações que o autor fez sobre julgamentos de estilo de fala. Como já mencionamos, o questionário entregue aos participantes permitia que eles classificassem cada exemplo dado como “casual” ou “formal”. Como informa Hayes, eles apresentaram certa dificuldade nesta tarefa, e nem todos tentaram realizá-la; entretanto, um padrão emergiu dos julgamentos realizados. Em geral, *output* com [l] é considerado formal em relação a um com [ɥ]. O autor atribuiu -1 (menos um) a cada exemplo julgado como “casual”, 1 (um) a cada um julgado como “formal”, e 0 (zero) aos exemplos que não foram julgados. Dessa forma foi possível obter um resultado estatisticamente significativo: média de 0,07 para [l] *versus* -0,11 para [ɥ]. A diferença emergiu principalmente nas classes de palavras *Greely* e *gray-ling*.

Hayes acredita que a associação de *l claro* com formalidade e *l escuro* com casualidade não é aleatória, mas reflete a natureza das restrições em si. Onde a variação é possível, [l] reflete um ranqueamento relativamente alto da restrição // *pré-vocálico é claro*, enquanto [ɥ] reflete um ranqueamento relativamente alto de // *é escuro*. Estas duas restrições são baseadas em princípios fonéticos: // *é escuro* é uma restrição lenicional, cuja teleologia tem o falante como foco, envolvendo maximização do conforto articulatório (*articulatory ease*). // *pré-vocálico é claro* é baseada na percepção da fala solicitando uma articulação que representará um // mais identificável para o ouvinte (em um contexto em que a articulação mais elaborada será mais efetiva).

O discurso formal é caracteristicamente um discurso centrado no ouvinte (Kohler 1990, Lindblom 1990), focado em produzir um sinal acústico maximamente decifrável; por outro lado, o discurso casual é centrado no falante, focado em especificar um programa articulatório que seja fácil de executar. Segundo Hayes, o reflexo gramatical que se pode imaginar a partir dessas estratégias seria “in formal speech, the selection point for PREVOCALIC // IS LIGHT will be chosen from the upper part of its range, and the selection

point for /l/ IS DARK will be chosen from the lower part. In casual speech, exactly the opposite will tend to occur”.

O autor assume, ainda, que estas estratégias dos falantes também são decodificáveis, de certa forma, pelos ouvintes; desta forma, podemos ter um esboço de como os participantes podem ter julgado casualidade *versus* formalidade: ao ouvir [l] ou [ɫ], eles tacitamente deduziram os *rankings* necessários para obtê-lo, deduziram as posições relativas dos pontos de seleção que exigiam estes *rankings*, e, então, designaram a casualidade/formalidade baseados nos pontos de seleção. Enfim, os conjuntos de restrições parecem possuir certa estrutura interna, com diferentes resultados para registros de fala formal *versus* casual.

1.2.3 Análise sobre o Inglês como LE

1.2.3.1 Baratieri (2006)

Em sua dissertação de mestrado, Baratieri (2006) analisou as propriedades acústicas e articulatórias do /l/ em coda silábica no inglês produzido por estudantes brasileiros de inglês como segunda língua (ESL). O autor teve como base de sua pesquisa a asserção de Baptista (2001) e as evidências encontradas por Moore (2004) e Baratieri (2005). De acordo com Baptista (2001), o fato de /l/ final no português brasileiro (PB) ser freqüentemente pronunciado como /u/ pode conduzir o aprendiz de inglês a pronúncias equivocadas, o que pode resultar em entendimentos equivocados. Moore (2004) e Baratieri (2005) encontraram, em seus trabalhos, evidências de que aprendizes de inglês vocalizam /l/ final tanto em PB quanto em inglês. Assim, para Baratieri, parece plausível supor que a transferência pode operar na vocalização de /l/ em coda no inglês.

Além da transferência, o autor acredita que o grau de vocalização do /l/ seria influenciado pelo ambiente fonológico, devido ao processo de co-articulação. Por isso, ele considera, ainda, estudos de aquisição de segunda língua que, além de investigar a operação de transferência e processos de desenvolvimento, também investigam a influência do contexto fonológico no qual o som-alvo está inserido em sua realização. Assim, Baratieri analisa em sua pesquisa o efeito do contexto fonológico seguinte na vocalização de *l*.

Segundo o autor, tradicionalmente acredita-se que o fenômeno ocorra mais frequentemente antes de pausa, assim como antes de velares e labiais, do que antes de apicais ou palatais. Entretanto, em um número considerável de línguas românicas, a vocalização é mais freqüente antes de coronais do que de labiais, velares e pausa (Recasens, 1996). Em PB, por exemplo, a consoante coronal seguinte parece favorecer a vocalização da líquida /l/ em comparação às consoantes bilabiais e dorsais (Mezzomo, 2004, p. 140).

Baratieri não analisa, em seu estudo, a influência do contexto fonológico precedente à lateral em coda no fenômeno da vocalização. Ele analisa, sim, a influência das diferentes realizações do fonema /l/ sobre o comportamento acústico do pico silábico. Para tanto, teve o cuidado de selecionar palavras para a sua coleta de dados que tivessem apenas a vogal média-baixa anterior [ɛ] como contexto precedente ao /l/. A escolha de [ɛ] como pico silábico se deve ao fato de este ser o núcleo silábico mais frequentemente encontrado em monossílabos em inglês com o *cluster* em coda /l/ + C²⁴. Desta forma, atende-se à necessidade de manter o núcleo silábico estável para controlar o efeito do contexto precedente ao /l/ e estudar o efeito do contexto seguinte ao /l/ com a precisão desejada. O autor investiga o efeito do contexto seguinte em termos de (a) vozeamento; (b) ponto de articulação (bilabial, labiodental, alveolar, pós-alveolar e velar); e (c) modo de articulação (plosiva, nasal e fricativa).

Para realizar sua análise, o autor coletou seus dados com um grupo de vinte estudantes brasileiros de EFL – quinze mulheres e cinco homens, com idades entre 14 e 22 anos e todos com nível avançado de inglês²⁵. Sua coleta de dados resultou em 2.134 produções válidas de /l/ em coda silábica, das quais foram observadas cinco realizações diferentes para a lateral. Com a ajuda do programa *Praat*, este *corpus* foi submetido à análise acústica²⁶, através da qual foi julgada (a) a presença ou ausência de arredondamento dos lábios, que indicaria vocalização; (b) a presença ou ausência de movimento consonantal, que indicaria se o fonema carrega um traço característico às líquidas; e (c) a

²⁴ Sendo C representante das seguintes consoantes /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /v/, /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/, /m/ ou /n/. [nota do autor]

²⁵ Baratieri diz que, embora a variável *sexo* afete algumas propriedades acústicas de /l/, ela não foi investigada nesta pesquisa devido ao fato de diferenças individuais terem sido neutralizadas pela estratégia de usar proporções de formantes F3/F1 e F2/F1 em vez de usar as frequências brutas de formantes, como fora sugerido por Peterson (1961, *apud* Dalston, 1975).

²⁶ A análise acústica se deu através da audição do trecho de onda sonora que obtinha a palavra-alvo ou o grupo de palavras-alvo e análise visual do espectrograma gerado pelo programa *Praat*. Através desta análise acústica de que se neutralizou as diferenças individuais, utilizando proporções de formantes F3/F1 e F2/F1.

presença ou ausência de formantes de nasais, que denotaria nasalização. Assim, as produções de /l/ em coda no inglês dos participantes deste estudo foram representadas das seguintes formas: (a) “L”, quando o movimento mais saliente era consonantal e o arredondamento dos lábios era ausente – ou seja, a produção não era considerada vocalização; (b) “Lwo” ou “Lw”²⁷, quando havia a indicação da presença de ambos os movimentos (consonantal e arredondamento labial), o que significa que a produção era considerada parcialmente vocalizada; (c) “W” ou “Wo”²⁸, quando o movimento mais saliente era o arredondamento labial e o movimento consonantal era ausente – ou seja, a produção não era considerada completamente vocalizada; e (d) “N”, quando /l/ era classificado como tendo traços de nasal²⁹.

Entretanto, como o objetivo do estudo de Baratieri não era investigar a precisão da pronúncia, e, sim, a vocalização de /l/ considerando o efeito do contexto fonológico seguinte, o autor optou por classificar as produções dos participantes de acordo com o grau de vocalização de /l/. Dessa forma, ele agrupou as cinco realizações distintas da lateral mencionadas acima em apenas três.

As produções que apresentaram apenas arredondamento dos lábios sem movimento consonantal (codificadas como “W” ou “Wo”) foram consideradas *totalmente vocalizadas*. As realizações com movimento consonantal e sem arredondamento labial (codificadas como “Lwo” ou “Lw”) foram classificadas como *parcialmente vocalizadas*. As produções que apresentaram apenas o movimento consonantal de lateral (codificadas como “L”) foram consideradas como *não-vocalizadas*. Todas as demais produções foram consideradas nulas.

Em relação ao tratamento estatístico dado ao *corpus*, o autor utilizou o software SPSS para Windows 10.0, o qual possui recursos que possibilitaram ao autor trabalhar com dados distribuídos de forma desigual entre as variáveis. O nível de significância estatística (nível alfa) foi fixado em 0,05.

²⁷ A diferença entre os códigos é devida à diferença da qualidade vocálica em relação à altura. “wo” é mais similar a [ɑ] ou [ɔ] e “w” é mais similar a [u] ou [ʊ]. [nota do autor]

²⁸ A diferença entre os códigos, aqui, também se refere à qualidade vocálica da vocalização. O código “W” é mais similar a /u/, e o código “Wo” é mais similar a /o/.

²⁹ As produções analisadas como tendo um traço de nasal foram reconhecidas durante a análise dos resultados, apesar de, posteriormente, serem tratadas como dados nulos.

Este estudo de Baratieri, então, apresentou os seguintes resultados para as variantes de /l/:

(a) *não-vocalizado* ('L'): apresentou o menor percentual de frequência, apenas 2,7%, ou seja, das 2.134 produções válidas, 57 delas foram caracterizadas pelo movimento consonantal.

(b) *parcialmente vocalizado* ('Lw'): apresentou 61,8% de frequência. Os participantes do estudo realizaram 1319 produções de /l/ com movimentos vocálico e consonantal.

(c) *vocalizado* ('W'): apresentou 35,5% de frequência. Esta realização, que compreende a produção com traços de movimentos exclusivamente vocálicos, totalizou 758 dados.

Daí o autor observa que, aparentemente, poderia se argumentar que os informantes deste estudo transferiram o /l/ do PB para produzir o /l/ em coda no inglês, uma vez que o *l* vocalizado e o parcialmente vocalizado ocorrem no PB. Entretanto, o fenômeno de vocalização do /l/ parece representar uma mudança na direção do menos marcado. Ou seja, o *l claro* evolui para o *escuro* [ɫ], que evolui para o parcialmente vocalizado [ɫ^w], que, finalmente, evolui para a variedade vocalizada /w/.

Estes resultados parecem indicar, conforme Baratieri, que os participantes desta pesquisa estão traçando o caminho inverso, do menos marcado /w/ para o mais marcado [ɫ]. Mais da metade das produções foi parcialmente vocalizada, o que pode indicar, segundo o autor, mais desenvolvimento interlinguístico do que transferência da língua materna, devido ao fato de que a última aumentaria a produção da semivogal. A maior média de [ɫ^w] pode ser devida ao esforço dos participantes para produzirem o /l/ em coda o mais aproximado possível da produção dos nativos. Os aprendizes de inglês parecem anexar um movimento consonantal ao /l/ menos marcado do PB no esforço de produzir o *l escuro* dos falantes nativos de inglês. Porém, o esforço não é o suficiente, pois o movimento vocálico de arredondamento do lábio se mantém intacto.

Com referência aos efeitos do contexto fonológico, os resultados do estudo indicaram que: (a) *pausa e C na palavra seguinte* provoca significativamente mais vocalização de /l/ que *C na mesma palavra*; (b) *consoantes desvozeadas* favorecem mais a

vocalização de /l/ que as *vozeadas*; e (c) *ponto de articulação* constituiu o fator decisivo na vocalização do /l/.

O autor conclui que o fato de /l/ ser mais vocalizado diante de velares e labiais do que de apicais e palatais não permite a relação com a transferência de L1, uma vez que, em PB, o /l/ é mais vocalizado diante de apicais e palatais do que de velares e labiais (Recasens, 1996; Lamprech, 2004). Estes resultados indicam que a vocalização é favorecida ou inibida por movimentos de homorganicidade entre *l* e a C seguinte e que, mais do que transferência de L1, há um processo de desenvolvimento interlingüístico operando na aquisição de /l/ em coda no inglês pelos participantes desta pesquisa, uma vez que a vocalização de /l/ não foi favorecida diante de consoantes alveolares, como ocorre com o /l/ em PB. Na verdade, os resultados apontaram para uma direção oposta, ou seja, a vocalização foi inibida diante de consoantes alveolares e favorecida diante de labiais e velares, como ocorre em algumas variedades do inglês com o /l/ final.

2 METODOLOGIA

Este capítulo será dedicado à apresentação descritiva dos aspectos metodológicos desta pesquisa, incluindo a elaboração do material para a coleta de dados, a sondagem sobre o perfil dos participantes e a realização da coleta de dados. Serão aqui apresentados também os nossos objetivos específicos, nossas hipóteses, as questões referentes à verificação acústica dos dados, além de outras questões que poderão ser consideradas na observação do *corpus*.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Observar no inglês L2 de falantes do PB do Rio Grande do Sul as taxas de vocalização e sua correlação com variáveis linguísticas e extralinguísticas. Verificar se o comportamento destes falantes em L2 se relaciona com as características da variedade do PB falado na região. Verificar se o comportamento destes falantes em L2 se relaciona com as características observadas na realização do /l/ em variedades do inglês. Em linhas mais gerais, pretende-se contribuir para a compreensão sobre até que ponto as características de realização alofônica em L1 influenciam as características de realização em L2.

2.2 HIPÓTESES

1. O *l* em posição de núcleo é mais pronunciado como [ɫ], uma vez que no português não é possível que a lateral ocupe tal posição na sílaba;

2. O contexto fonológico vocálico precedente pode favorecer ou desfavorecer a realização de /l/ como [w]. A probabilidade de vocalização é menor quando a vogal precedente ao *l* possui o traço [+anterior]; enquanto a probabilidade de vocalização é maior quando a vogal precedente ao *l* *escuro* possui o traço [+posterior] (e.g. *feel* x *full*). Esta suposição está de acordo com Labov, Cohen, Robins e Lewis (1968, citado em Durian, 2004), que afirmam que a posição (anterior/posterior) da vogal pode prever melhor a vocalização do que a altura da vogal. Evidentemente, nossa hipótese não está baseada exclusivamente na afirmação destes autores, mas também nas pesquisas realizadas sobre o português brasileiro, que constata o favorecimento da vocalização de /l/ quando este

segue uma vogal posterior (Leite, Callou & Moraes, 2007; Hahn & Quednau, 2007; Dal Mago, 1998).

3. O contexto fonológico consonantal precedente pode favorecer ou desfavorecer a realização de /l/ como [w]. Sobre a consoante precedente, Johnson & Britain (2003) mencionam que coronais inibem a vocalização do *l* silábico (e.g. *medal* e *little*), enquanto labiais e dorsais tendem a favorecê-la (e.g. *humble* e *ankle*). Entretanto, como no PB não possuímos o *l* silábico e, portanto, não há trabalhos que possam nos servir de referência para a análise, não estabelecemos uma hipótese mais específica considerando o contexto consonantal precedente.

4. Se o contexto seguinte for uma vogal (e.g. *all empty*), a “ligação” que ocorre entre a primeira e a segunda palavra, a assim chamada ressilabação, através da qual /l/ passa para o *onset*, parece inibir a vocalização. Portanto, esperam-se baixas taxas de vocalização nesta situação. Entretanto, se o falante realizar pausa entre as palavras, a ressilabação não ocorre, e espera-se, portanto, maior ocorrência do fenômeno da vocalização neste caso.

5. O sexo exerce certa influência tanto na língua materna quanto na aquisição de L2 – conforme Major (1994, p. 190-1), mulheres são mais favoráveis ao uso da forma de prestígio que os homens na aquisição de L2. Podemos considerar que, na variedade do PB falada pelos informantes analisados, a forma de prestígio é a vocalização. Não há até o momento informação sobre qual seria a forma prestigiada na aquisição do inglês como L2 para os falantes da comunidade estudada. Esperamos poder obter das questões relativas ao informante, Anexo A, alguma informação nesse sentido, que poderá indicar se há correlação entre sexo e forma prestigiada no fenômeno analisado.

6. O grau de proficiência dos aprendizes exerce alguma influência na produção da lateral como semivogal [w] ou velar [ɫ]. A porcentagem de vocalização tende a diminuir na fala de aprendizes brasileiros de L2 na medida em que estes vão avançando nos níveis de proficiência da segunda língua.

2.3 MATERIAL

O material elaborado para a coleta de dados do presente trabalho consiste em um questionário, um teste de proficiência em inglês e um texto para a realização de experimento de leitura em voz alta. Quanto ao equipamento utilizado na coleta, trata-se apenas de um gravador de voz portátil com microfone embutido.

Iniciamos esta parte do trabalho elaborando um questionário com o objetivo de conhecermos os alunos que participariam de nosso estudo e de obtermos algumas informações que poderiam ser interessantes para a análise posterior dos dados. O questionário (ver Anexo A) constitui-se de vinte perguntas biográficas escritas e respondidas em português. Antes de responder este questionário, cada aluno recebeu um formulário de consentimento (ver Anexo B) para assinar. Este formulário, que possuía o número respectivo ao questionário que seria entregue ao participante, informava o caráter acadêmico desta pesquisa e a garantia de sigilo dos dados obtidos.

O teste de proficiência utilizado neste trabalho foi o *Oxford Placement Test* (ALLAN, 2004), que é constituído de questões de múltipla escolha, sendo cem de compreensão auditiva e cem de gramática do inglês. De acordo com o autor, o teste foi validado a partir da sua aplicação a um universo de aprendizes de mais de 40 nacionalidades.

O texto utilizado na coleta de dados foi escrito por nós. Optamos por elaborarmos o texto para que os alunos lessem porque consideramos que seria deveras difícil encontrarmos um texto curto que tivesse todos os contextos que precisávamos para a nossa análise. Também não queríamos dar apenas frases soltas, ou mesmo palavras soltas, aos alunos porque consideramos que a leitura de um texto simples e curto poderia dar um ritmo mais natural e menos pausado à fala. O texto produzido é uma narrativa curta escrita em primeira pessoa, que conta um momento de felicidade vivido por uma mulher (a narradora) em uma noite aparentemente cotidiana de sua vida (ver Anexo C).

Gravamos a leitura que cada aluno realizou do texto acima mencionado com o gravador portátil de voz. Posteriormente, as gravações foram transferidas para um computador para realizarmos a análise acústica dos dados através do programa de análise *Praat Version 5.1.25* (BOERSMA & WEENINK, 2010).

2.4 PARTICIPANTES

Um grupo de 25 estudantes brasileiros de inglês como segunda língua participou desta pesquisa. Este grupo faz parte das turmas A e B de alunos matriculados no segundo semestre de 2009 na disciplina de Inglês VIII do curso de graduação em Letras do Instituto de Letras da UFRGS. A participação dos alunos foi voluntária. Nem todos os alunos das turmas quiseram participar da pesquisa. O grupo de voluntários foi composto por sete homens e dezoito mulheres, todos adultos com idade entre 21 e 38 anos.

Como gostaríamos de observar em nossa análise se o grau de proficiência dos aprendizes exerce alguma influência na produção da lateral como semivogal [w] ou velar [ɰ], era preciso, também, determinar o grau de adiantamento de cada informante no que diz respeito à L2. Para isso, todos os alunos foram submetidos a uma verificação de seus estágios de proficiência de inglês, através da aplicação do *Oxford Placement Test* (ALLAN, 2004). A partir dos escores obtidos nesses testes, os aprendizes foram agrupados em cinco níveis³⁰:

Nível C – Altamente Proficiente (8 sujeitos),

Nível D – Proficiente (13 sujeitos),

Nível E – Intermediário Superior (3 sujeitos),

Nível F – Intermediário Inferior (3 sujeitos), e

Nível F – Elementar (1 sujeito)

A única restrição na seleção dos participantes é que fossem todos falantes nativos de português brasileiro. Isso se deve ao fato de estarmos estudando aqui a influência que a L1, no caso o português brasileiro, pode desempenhar na aquisição de L2, no caso, inglês.

³⁰ De acordo com o nivelamento estabelecido por Allan (2004), nenhum sujeito se enquadrava nos níveis *A, B, H, I e J*.

2.5 A COLETA DE DADOS

Antes de coletarmos os nossos dados, efetuamos a sondagem sobre o perfil dos participantes, que foi realizada em uma das salas em que os alunos regularmente têm aula. Também anteriormente à realização das gravações, aplicamos o teste de proficiência. Os alunos das turmas A e B da disciplina de Inglês VIII que não quiseram responder ao questionário nem fazer o *Oxford Placement Test* foram dispensados. Os demais, que concordaram em participar da pesquisa, foram convidados a agendar um horário para realizar a leitura e gravação do texto. Dos 28 alunos que participaram desta etapa inicial, três não compareceram no encontro individual para a gravação dos dados.

Em uma sala do prédio de aulas do Instituto de Letras da UFRGS recebemos os alunos participantes da pesquisa. Realizamos, então, a gravação da leitura de 25 alunos.

2.5.1 A aplicação do teste de leitura

O teste de produção oral, cujo objetivo era analisar a realização de /l/ em determinados contextos selecionados, consistia na leitura do texto entregue em uma folha de papel ofício ao participante. Cada participante poderia fazer uma leitura silenciosa do texto antes de fazer a leitura oral que seria gravada.

Assim, o teste de produção oral foi dividido em três partes: (a) as instruções, (b) a leitura silenciosa, e (c) a leitura oral. O material de instruções era apenas uma folha de ofício contendo as seguintes orientações em português: (i) você receberá um texto escrito em inglês em uma folha de ofício; (ii) faça a leitura silenciosa deste texto; (iii) ao término da leitura, avise quando estiver pronto para realizar a leitura do texto em voz alta e iniciarmos o procedimento de gravação.

Conforme mencionado anteriormente, solicitamos a leitura prévia do texto para garantir o ritmo mais natural possível à leitura do participante. O texto possui palavras que já devem fazer parte do léxico de um aluno de nível intermediário de inglês, o que deveria contribuir para a leitura sem dificuldade e evitar equívocos de pronúncia.

No texto foram colocados 45 contextos de *l escuro*, sendo que em doze vocábulos a vogal precedente à lateral possui o traço [+ posterior], em quatorze vocábulos a vogal

precedente possui o traço [+anterior], em dez vocábulos o *l* é [+silábico] e em onze vocábulos a vogal precedente é central. Em (1) e (2) abaixo, explicitamos todos esses contextos.

(1) Contextos vocálicos precedentes ao [ɫ]

$$\left[\begin{array}{c} V \\ +\text{post} \end{array} \right] \text{ —}$$

Paul
Rahul
School
Called
Told
Roles
All
Almost
Although
Small
Football
Involved
Oldest

$$\left[\begin{array}{c} V \\ +\text{ant} \end{array} \right] \text{ —}$$

Themselves
Fell
Well
Tell
Snowbell
While
Will
Still
Children
Building
Thrilled
Film
Child

$$\left[\begin{array}{c} V \\ -\text{ant} \\ +\text{post} \end{array} \right] \text{ —}$$

Result
Adults
Pretzels
Wonderful
Unusual
Difficult
Angels
Animals
Channel

(2) [ɫ] em posição de núcleo

$$C \text{ — } \# \\ [+sil]$$

Puzzle
Article
Possible
Castle
Little
Universal
Exemple
Simple
Bottle
Enjoyable

Destes 45 contextos, doze possuem /l/ em limite de palavra com uma vogal iniciando a palavra seguinte: em oito deles a lateral está em posição de coda, e em quatro ela encontra-se na posição de núcleo. Veja em (3).

(3) [ɫ] em limite de palavra + V na palavra seguinte

_____ # V [- sil]	_____ # V [+ sil]
Paul and	While I
all I	little angels
school and	bottle of
fell asleep	
wonderful evening	
still on	
unusual enjoyable	

Alguns desses vocábulo acima são repetidos ao longo do texto, o que resulta em um total de 56 vocábulo com [ɫ] velar.

2.6 A ANÁLISE DOS DADOS

2.6.1 Análise acústica dos dados

A fim de realizar a transcrição dos dados coletados através da gravação do teste de produção oral dos participantes de nossa pesquisa, inicialmente transferimos os arquivos do gravador portátil para o computador. Cada arquivo foi salvo com o mesmo número que identificava cada participante. Então, cada arquivo foi aberto usando o *software Praat Versão 5.1.25*³¹, para nos auxiliar na audição dos dados, pois se trata de uma tarefa difícil identificar apenas de oitiva se a variante produzida é [w] ou [ɫ]. Em seguida, a função “annotate to TextGrid” foi utilizada e no “TextGrid”³² foram instituídos três *tiers*³³. O

³¹ *Praat: doing phonetics by computer*, de Paul Boersna & David Weening, *software* que pode ser gratuitamente obtido no site www.praat.org. Este programa serve basicamente para análise acústica.

³² TextGrid é uma ferramenta que consiste em um número de *tiers* (camadas) que podem ser usadas para anotação (segmentação e rotulação).

³³ *Tier* pode ser traduzido como “camada”, entretanto, esta palavra é amplamente utilizada na literatura brasileira.

arquivo gerado foi salvo com o mesmo nome do arquivo “.wav”, porém, com a extensão “.TextGrid”. Ambos os arquivos “.wav” e “.TextGrid” foram selecionados e editados. A figura 4 ilustra uma janela do *Praat* do participante ‘1’ com o TextGrid segmentado e rotulado.

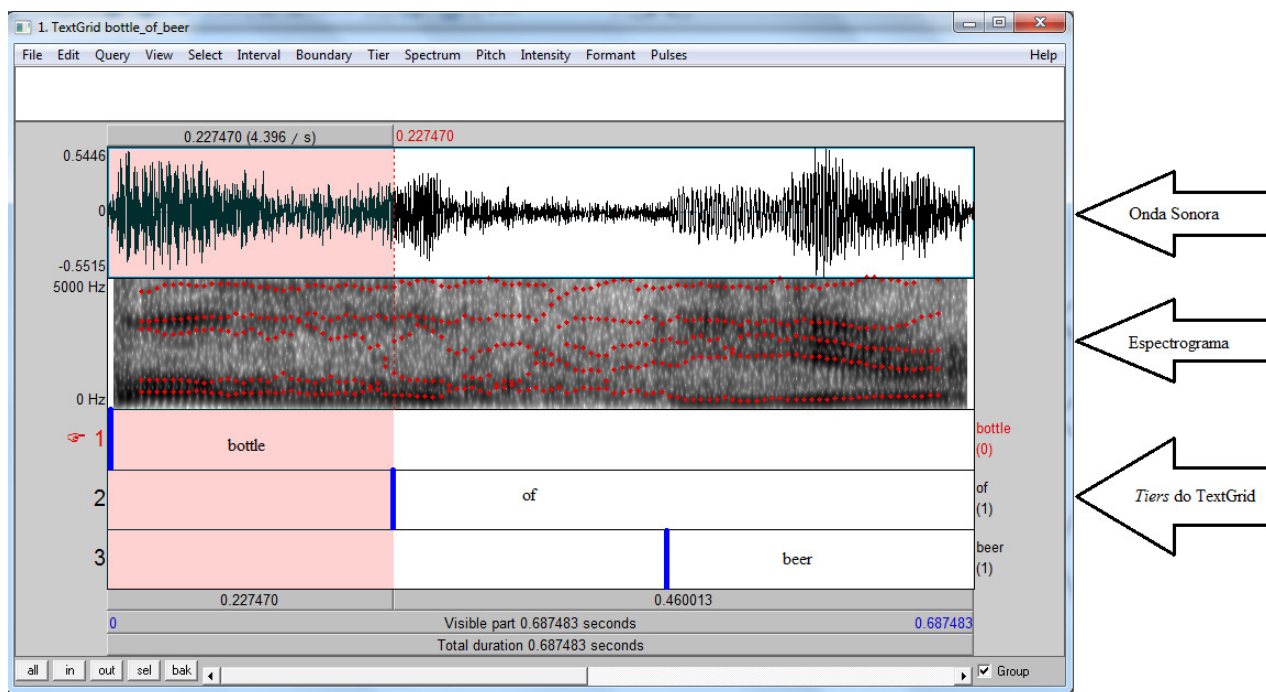


Figura 4 – Janela do *Praat*

Esta janela do *Praat* mostra a onda sonora, o espectrograma e os *tiers* do TextGrid da frase “bottle of beer” produzida pelo participante número 1. A onda sonora mostra as propriedades da forma da onda, como duração e intensidade, que forma o contorno da onda. O espectrograma exibe as frequências, o que torna possível analisar as principais propriedades acústicas dos contextos fonológicos sob investigação. Ele também apresenta os cinco primeiros formantes (pontos vermelhos) e sua intensidade (o mais escuro é o formante, o mais alto é sua intensidade). O TextGrid contém 3 *tiers*. Cada *tier* apresenta uma barra azul de determina o início de cada vocábulo. Esses limites foram estabelecidos com a ajuda do espectrograma e da onda sonora.

Houve casos em que fizemos uso do *software Wavesurfer*³⁴ para reafirmar o que a janela do *Praat* nos informava; pois, devido à interferência de sons externos à sala onde foram realizadas as gravações, em alguns dados era difícil ter certeza da variante realizada pelo participante. O espectrograma que obtivemos, no *Wavesurfer*, para a mesma frase (“bottle of beer”) do participante 1 está na figura 5 abaixo. A palavra *bottle* está demarcada entre as duas barras amarelas.³⁵

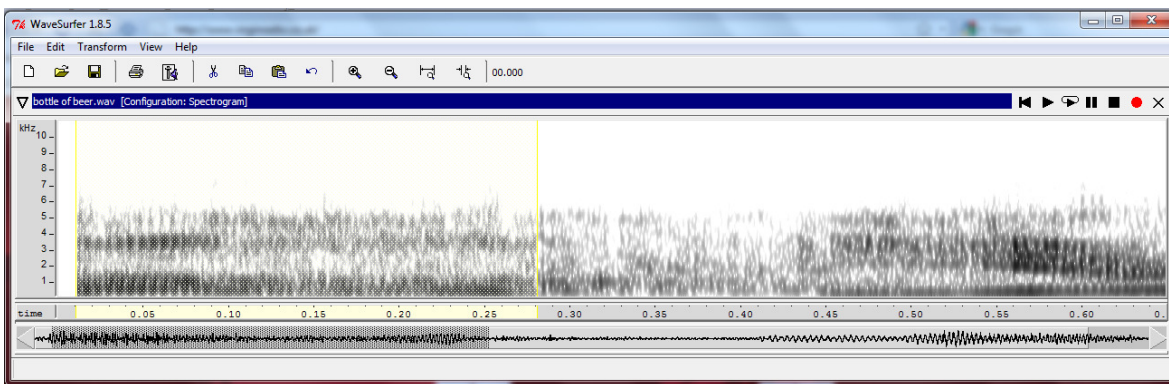


Figura 5 – Janela do *Wavesurfer*

Todos os dados com contexto de *l escuro* foram arrolados em uma tabela, assim como os números dos 25 participantes. À medida que o *corpus* ia sendo ouvido e analisado no *Praat*, as variantes produzidas eram transcritas nessa tabela³⁶. Quando o participante repetia um dado (por ter gaguejado na leitura, tossido, ou qualquer outro motivo que o tenha feito repeti-lo), apenas a segunda produção era considerada, sendo a primeira descartada. Os dados erroneamente pronunciados foram desconsiderados, como, por exemplo, a palavra *fell*, que um participante produziu como [fiw] em vez de f[ɛ]l. Houve, também, um caso em que o participante leu *when*, onde constava *while* no texto. Entre os dados desconsiderados, tivemos, ainda, um caso de rotacismo – em *wonderful evening* (*wonderfu[ri]vening*) –, e um de apagamento – em *school working* (*sch[uw]orking*).

³⁴ *Wavesurfer* é um programa para edição e reprodução de som de uso simples, que permite escutar e observar com mais detalhes as ocorrências. Este programa pode ser obtido através do site <http://www.speech.kth.se/wavesurfer/download.html>.

³⁵ Devido ao fato de não estarmos realizando, neste trabalho, análise fonética dos dados, a análise acústica através do *Praat* – e do *Wavesurfer*, eventualmente – teve como fim apenas a identificação mais precisa da variante produzida.

³⁶ A tabela que contém nosso *corpus* encontra-se em <http://laurahhahn.wordpress.com/>.

No caso da palavra “Rahul”, em que alguns participantes aplicaram o acento na primeira sílaba ([‘ra.uʔ]), embora o esperado fosse [ra’uʔ]. Todos esses casos foram validados, pois não estamos apreciando, aqui, se há influência da posição do acento tônico na palavra na vocalização de /l/.

Portanto, de um total de 1.400 dados, 23 foram descartados. Nosso *corpus* final, então, consiste em 1.377 dados válidos.

2.6.2 Análise estatística dos dados

Nesta etapa do trabalho, fizemos uso do pacote de programas computacionais *Goldvarb X*³⁷, que nos permite uma análise quantitativa mais apurada dos dados, através do cálculo de porcentagens e pesos relativos dos fatores considerados. Para submetermos nosso *corpus* ao programa, tivemos, antes, que codificá-lo, conforme as variáveis que buscamos avaliar neste estudo.

A fim de responder as nossas hipóteses apresentadas em 2.2 acima, consideramos os seguintes grupos de fatores na variação do *l escuro* em inglês:

(a) *Variáveis linguísticas*, que compreendem a variável dependente e as variáveis independentes³⁸.

(i) Variável dependente – aplicação da regra de vocalização, na qual *l escuro* é realizado como semivogal [w]. A variante velar (*chi*[ɰ]*d*) foi representada por **0** na codificação dos dados, e a vocalizada (*fi*[w]*m*), por **1**.

(ii) Variáveis independentes – foram duas as variáveis linguísticas independentes:

1- *Contexto anterior*

V [+ant] – e V [+post] – u V [-ant, +post] – a	}	contextos nos quais /l/ encontra-se na coda silábica.
---------------------------------------------------------------------------	---	-------------------------------------------------------

³⁷ O programa *Goldvarb* está disponível na internet para *download* gratuito através do site <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>.

³⁸ As letras e outros sinais gráficos em negrito acompanhando cada fator correspondem aos códigos utilizados.

C [+cor] – **t**
 C [+lab] – **b**
 C [+dor] – **k** } contextos nos quais /l/ encontra-se no núcleo silábico.

2- *Contexto posterior*

pausa – **p**
 consoante – **x**
 vogal – **v**

(b) *Variáveis sociais* foram analisadas para tentarmos dar conta das hipóteses em 2 acima.

1- *Sexo*

masculino – **m**
 feminino – **w**

2- *Nível de inglês*

C – **c**
 D – **d**
 E – **?**
 F – **f**
 G – **g**

3- *Informante*

Cada um dos 25 informantes que participaram desta pesquisa recebeu um código para representá-lo.

Assim, para que um dado fosse codificado como ‘1evmf9’, ele deveria conter as seguintes informações: a variável dependente realizada foi a vocalizada (1); o contexto precedente ao /l/ é uma vogal com o traço [+anterior] (e); o contexto posterior à lateral é uma vogal (v); e este dado foi realizado por um informante do sexo masculino (m), de nível de inglês F (f), cujo código é o número (9).

Com nosso *corpus* todo codificado, geramos o arquivo de dados a ser rodado no *Goldvarb X*.

2.6.2.1 O programa *Goldvarb X*

O programa *Goldvarb* é uma versão atualizada do pacote de programas Varbrul (Sankoff, 1988; Rousseau; Sankoff, 1978; Pintzuk, 1988) e foi desenvolvido por David Rand e David Sankoff, da Universidade de Montreal. O programa Varbrul tem sido usado desde a década de 70 para analisar e descrever fenômenos lingüísticos variáveis; baseado no modelo logístico, ele calcula as porcentagens e os pesos relativos dos fatores selecionados na análise. É constituído de vários programas ordenados, que podem ser divididos em três grupos principais. Conforme Brescancini (2002, p.25), temos os programas “que preparam os dados para *performance* do algoritmo (CHECKTOK, READTOK e MAKE3000); o que realiza o algoritmo (VARB2000) e os que efetuam tarefas de apoio (TSORT, TEXTSORT e CROSS3000)”³⁹.

O *Goldvarb X* apresenta vantagens em relação ao Varbrul, pois os diversos programas acima mencionados estão integrados em uma mesma janela; além disso, pode ser utilizado na plataforma WINDOWS, com a qual os pesquisadores estão mais familiarizados hoje em dia do que a plataforma DOS na qual o programa Varbrul era utilizado. Para utilizar o programa, então, cria-se o arquivo de dados (*tokens*), denominado *arquivo TKN*, no qual estão todas as ocorrências codificadas, conforme a variável dependente e os grupos de fatores especificados. Os códigos utilizados devem ser previamente estabelecidos pelo pesquisador, que atribui um símbolo diferente para cada fator que compõe as variáveis independentes do trabalho. Esse arquivo pode ser digitado diretamente no aplicativo do *Goldvarb* ou em qualquer editor de texto. O programa procura automaticamente se há algum erro de digitação, para que, desse modo, o pesquisador possa corrigi-lo manualmente⁴⁰.

Após a conferência do arquivo de dados, outro arquivo é automaticamente gerado, o *arquivo de condições*, onde é possível realizar os procedimentos de amalgamação e de exclusão de fatores, ou no caso de ocorrer *knockout* (i.e., a aplicação categórica da regra

³⁹Embora Brescancini (2002) se refira ao pacote de programas Varbrul versão 2S, que opera em modo MS-DOS, modelo anterior ao utilizado nesta pesquisa, as características são as mesmas.

⁴⁰A versão do programa utilizada neste trabalho (versão X) – construída para ser utilizada em um sistema operacional Windows – segue as mesmas etapas de análise dos dados da versão 2S; porém, uma das facilidades desta versão é que alguns arquivos, antes preparados pelos usuários, são gerados automaticamente pelo próprio programa. O *arquivo de especificação de fatores* e o *arquivo de condições*, por exemplo, são gerados automaticamente pelo programa a partir da codificação das ocorrências pelo pesquisador.

(100%) ou a sua não-aplicação (0%)), ou no caso de querer realizar testes de análise, sem a necessidade de alterar o arquivo de dados.

Em seguida, procede-se à análise *unidimensional*, realizada através da geração de um *arquivo de células*, do qual se obtém o *arquivo de resultados*. O arquivo de resultados apresenta as porcentagens de aplicação da regra para cada fator de cada variável. Essa análise permite ao pesquisador uma visão geral do seu estudo, de modo que possa observar se as combinações correspondem as suas expectativas.

Realiza-se, também, a análise *multidimensional*, na qual o programa seleciona as variáveis consideradas estatisticamente relevantes e exclui as não-relevantes. O número de níveis dessa análise depende do número de variáveis selecionadas como relevantes pelo programa, mais o nível 0 (zero), no qual o programa indica o valor do *input*, que corresponde à probabilidade de aplicação da regra, independentemente da proporção das ocorrências. No nível 1, o programa seleciona a primeira variável considerada estatisticamente significativa; no nível 2, a segunda variável estatisticamente significativa; e assim sucessivamente. Esse processo de seleção das variáveis, através do teste de combinações entre todos os grupos propostos, é realizado pela análise progressiva *step up*. Ao final desse processo, o programa indica a melhor rodada (*best run*), sendo esta a que apresenta o melhor nível de significância, ou seja, a probabilidade mais alta de a amostra ser representativa do universo correspondente (Fragozo, 2010, p. 89). O programa realiza, também, a análise regressiva *step down*, que informa as variáveis consideradas irrelevantes.

A análise multidimensional fornece, além das porcentagens de aplicação da regra em estudo para cada fator, os pesos relativos para cada um. Os índices dos pesos relativos, que indicam a probabilidade de aplicação da regra, variam entre 0,00 (indicando desfavorecimento à aplicação da regra) e 1,00 (indicando favorecimento). Um índice próximo a 0,50, chamado de *ponto neutro*, indica que este não se trata de um fator relevante para a regra.

Além das análises unidimensional e multidimensional, o programa oferece a possibilidade de se realizar cruzamentos entre variáveis independentes através da ferramenta *cross tabulation*. Os resultados obtidos nesses cruzamentos permitem observar as relações de dependência entre as variáveis independentes, causadas pela distribuição

não-equilibrada das ocorrências pelas células formadas pelo cruzamento (Fragozo, 2010, p. 90).

O tratamento estatístico da regra variável é feito a partir da quantificação dos dados e da produção de resultados que levam em conta fatores lingüísticos e sociais previamente estabelecidos pelo pesquisador. A escolha do fenômeno a ser analisado e os fatores que podem estar relacionados à aplicação de uma determinada variável cabem ao pesquisador, uma vez que o programa possui caráter puramente matemático, e sua função é pesar e relacionar símbolos arbitrariamente atribuídos para representar esses fatores.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo descreveremos os resultados obtidos a partir do pacote estatístico *Goldvarb X*. Os resultados apresentados a seguir têm como valor de aplicação a variante semivogal [w], isto é, consideramos a aplicação da regra de vocalização em oposição à manutenção da variante velar [ɮ]. Vejamos inicialmente o resultado obtido para a variável dependente.

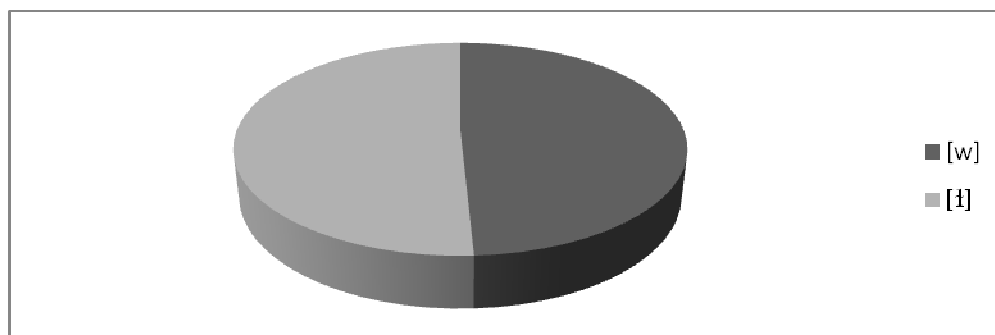


Gráfico 4 – Variável dependente

O gráfico 4 nos mostra uma distribuição bastante equivalente entre as duas variantes. A vocalização ocorreu em 49,2% das ocorrências. Resultado que nos indica um comportamento distinto dos informantes na realização de /l/ em final de sílaba na L2 da realização na sua variedade da língua materna, uma vez que a literatura aponta a prevalência disparada de [w] em Porto Alegre e região metropolitana, de onde é a grande maioria dos participantes de nosso estudo.

Nesta primeira rodada dos dados no programa *Goldvarb X*⁴¹, na qual todas as variáveis analisadas fizeram parte, um único grupo de fatores foi selecionado: *informantes*. Todos os demais grupos foram descartados.

O gráfico 5, abaixo, apresenta os índices de peso relativo que obtivemos para cada um dos informantes. Estes valores encontram-se no eixo vertical. Os informantes foram distribuídos, no eixo horizontal, por nível de inglês e, dentro de cada nível, por sexo⁴².

⁴¹ Todas as rodadas estatísticas realizadas neste trabalho encontram-se em <http://laurahhahn.wordpress.com/>.

⁴² Para facilitar a leitura do gráfico, esclarecemos que o *Nível C* possui cinco informantes mulheres e dois informantes homens; o *Nível D*, nove mulheres e três homens; o *Nível E*, dois mulheres e um homem; o *Nível F*, um mulher e um homem; e o *Nível G*, um mulher.

Lembrando que o *Nível C* corresponde ao nível cujos alunos são altamente proficientes em inglês, ao passo que o *Nível G* corresponde ao nível cujos alunos possuem um conhecimento elementar da língua.

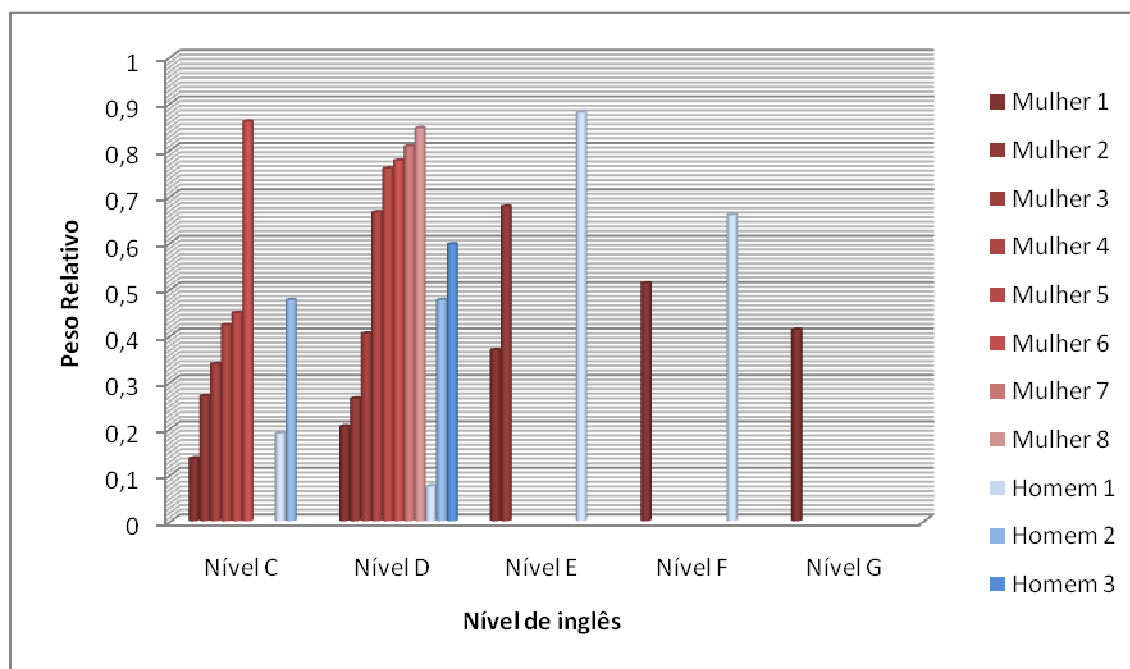


Gráfico 5 – *Informantes*⁴³

Os informantes que mais se destacam neste gráfico são “Homem 1” do Nível E (informante 6) e “Mulher 6” do Nível C (informante 20), por apresentarem os maiores índices de peso relativo. Ambos os informantes são jovens de Porto Alegre (ele tem 24 anos, ela tem 21 anos) que nunca estudaram ou moraram no exterior. Outro que se destaca é o informante “Homem 1” do Nível D, cujo índice é de 0,075. Este informante apresenta as mesmas informações sociais dos outros dois: jovem (26 anos) da região metropolitana (Canoas) que não morou ou estudou fora do Brasil.

Chamamos a atenção para o fato de o Nível G ter somente um informante. Desta forma, as generalizações que podem ser feitas aqui não são tão confiáveis quanto as que se referem aos grupos que contêm mais informantes.

Sabemos que há uma sobreposição de grupos entre as variáveis sociais *sexo*, *nível de inglês* e *informantes*, e que a escolha dos grupos de fatores deve dar prioridade à

⁴³ Para identificar cada informante e seu respectivo código, ver tabela no Anexo D.

ortogonalidade, isto é, os grupos devem ser independentes uns dos outros (cf. Guy, 2007: 52). Resolvemos, por isso, seguir a recomendação de Guy & Zilles (2007: 176):

Pode ser que o esquema original de codificação de dados, planejado para ter grupos ortogonais, acabe não sendo tão ortogonal, quando examinamos atentamente a distribuição dos dados. Verifica-se então que existem fatores de diferentes grupos mais ou menos coincidentes, codificando os mesmos dados. Nesse caso, o pesquisador pode desejar fazer várias análises para ver se isso está criando um problema analítico e, em caso afirmativo, pode testar diferentes modos de resolvê-lo.

Realizamos, então, uma segunda rodada eliminando *informantes* no arquivo de condições. Neste caso, o programa selecionou a variável *nível de inglês*. A tabela 7 abaixo apresenta os resultados obtidos.

	Aplicação/Total	Peso Relativo
Nível C – c⁴⁴	169/440	0.393
Nível D – d	320/610	0.533
Nível E – ?	105/166	0.640
Nível F – f	61/106	0.584
Nível G – g	22/55	0.409
Total	677/1377	

Input 0.491

Significância = 0.000

Tabela 7 – *Nível de inglês – sem informantes*

Como podemos observar, *Nível C* é o que apresenta o menor índice, indicando que seus integrantes são os que menos vocalizam – embora um de seus integrantes apresente um alto índice de peso relativo, conforme o gráfico 5 acima. Contrariando nossas expectativas, *Nível G* não é o fator que apresenta o maior peso relativo, mas *Nível E* apresenta. Se colocarmos esses números em um gráfico, podemos visualizar algo semelhante a uma parábola (ver gráfico 5 abaixo), o que nos remete ao quadro de Archibald (1998, p. 5) reproduzido aqui, na página 7, mais precisamente à coluna desse quadro que se refere a Erros de Desenvolvimento. Como mencionamos na seção **1.1.1**, os erros de

⁴⁴ As letras e sinais gráficos que acompanham os fatores são os códigos que os identificam no programa estatístico. Lembrando que *Nível C* representa o informante ‘Altamente Proficiente’ e o *Nível G* representa o informante cujo inglês é ‘Elementar’.

desenvolvimento envolvem equívocos semelhantes aos que as crianças cometem ao adquirir sua L1. Em um nível iniciante de proficiência (aqui representado por *Nível G*), o aprendiz apresenta baixo índice de erros de desenvolvimento. Este índice aumenta em um nível intermediário e diminui à medida que o nível de proficiência aumenta (*Nível C*).

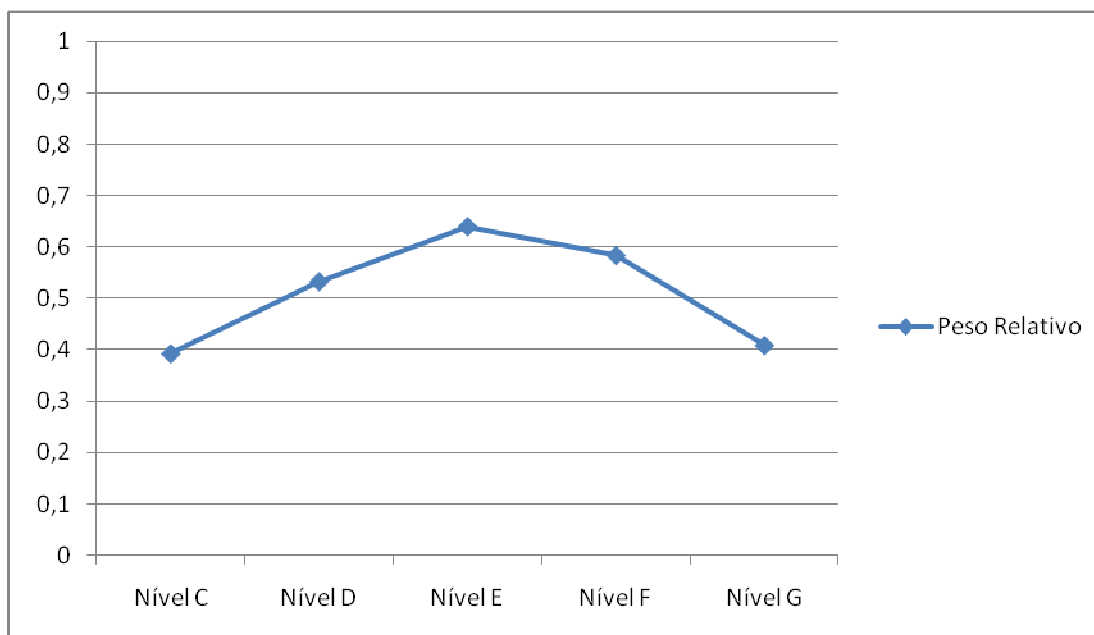


Gráfico 6 – *Nível de inglês*

Mesmo que amalgamásemos os fatores *Nível F* e *Nível G* em uma nova rodada, os demais índices não se alterariam, e o novo fator teria 0,524 de peso relativo. Ao realizarmos uma rodada excluindo *sexo* e *nível de inglês* no arquivo de condições, tendo apenas *informantes* como variável social, novamente, esta é selecionada pelo programa.

Para testarmos os resultados que obteríamos para *contexto anterior*, realizamos duas rodadas distintas. Uma apenas com os dados que continham /l/ em posição de coda (e.g. *school*) e sem a variável *informantes*; e outra também sem esta variável, porém, utilizando apenas os dados com /l/ em posição de núcleo (e.g. *bottle*).

Assim, nesta rodada em que o *l escuro* encontrava-se no núcleo da sílaba, nenhuma variável apresentou relevância para o Goldvarb e foi selecionada, enquanto as variáveis *sexo* e *nível de inglês* foram eliminadas pelo programa. Contrariamente a esta, na rodada

dos dados com *l* na coda silábica, foram selecionados, por ordem de relevância, os grupos de fatores *nível de inglês* e *sexo*. Vejamos as tabelas 8 e 9 abaixo.

	Aplicação/Total	Peso Relativo
Nível C – c	137/360	0.386
Nível D – d	264/503	0.532
Nível E – ?	86/136	0.645
Nível F – f	52/86	0.630
Nível G – g	17/45	0.365
Total	556/1130	

Input 0.492

Significância = 0.022

Tabela 8 – *Nível de inglês* – dados com *l* em coda

Podemos observar, analisando as tabelas 8 e 9, que há muito pouca diferença entre os índices obtidos na rodada sem *informantes* para esta com dados com *l* em coda. A diferença mais significativa é o fato de o peso relativo do fator *Nível G* ser ainda mais baixo, inclusive inferior ao do fator *Nível C*. Estes resultados obtidos para a variável *nível de inglês* nos surpreendem, como já foi mencionado acima, pois esperávamos índices em ascensão contínua.

	Aplicação/Total	Peso Relativo
Homem – m	145/317	0.444
Mulher – w	411/813	0.522
Total	556/1130	

Input 0.492

Significância = 0.022

Tabela 9 – *Sexo* – dados com *l* em coda

Os dados resultantes da tabela 9 nos indicam que os informantes do sexo feminino vocalizam mais que os do sexo masculino. Considera-se que as mulheres são mais favoráveis à forma de prestígio da língua, que, na variedade do PB falada pelos informantes analisados, é a vocalização. No que se refere à L2, não foi possível chegar a uma conclusão efetiva se a vocalização também seja a forma prestigiada. Entretanto, analisando o

questionário social que os informantes responderam, pudemos observar que as mulheres que apresentaram os menores pesos relativos (cf. gráfico 5) são, também, as que moraram (algumas, ao mesmo tempo, estudaram inglês) em um país estrangeiro de língua inglesa, à exceção de duas – “Mulher 1” e “Mulher 2” do Nível D, cujos pesos relativos são de 0,204 e 0,264 –, que nunca sequer viajaram ao exterior. Dentre nossos informantes do sexo masculino, apenas um morou e estudou inglês no exterior, e este apresentou peso relativo de 0,189. O menor peso relativo entre os homens é de 0,075, de um informante que também não teve experiência com inglês no exterior.

Em nenhuma das rodadas que realizamos as nossas variáveis linguísticas foram selecionadas pelo programa estatístico. Entretanto, gostaríamos, ainda assim, de tratar dessas variáveis, pois tínhamos certas expectativas em relação a esses grupos de fatores e gostaríamos de confrontá-las com os nossos resultados. Essas expectativas foram expostas em nossas hipóteses (ver 2.2).

Abordaremos, primeiramente, a variável linguística *contexto anterior*. Essa abordagem se divide em três categorias (a) *contexto anterior vocálico*, na qual a lateral se encontra na coda da sílaba; (b) *contexto anterior consonantal*, na qual a lateral se encontra no núcleo silábico; e (c) $V_ \times C_$, na qual temos a comparação entre os resultados obtidos para ambos os contextos precedentes de *l/*. Vejamos, então, os resultados da primeira categoria.

(a) *contexto anterior vocálico*

Os resultados que apresentaremos abaixo foram obtidos na rodada que realizamos no *Goldvarb* utilizando apenas os dados que continham contexto vocálico antecedendo *l/* e excluindo, no arquivo de condições, a variável *informantes*. Como já mencionamos, só as variáveis sociais foram selecionadas pelo programa.

	Aplicação/Total	Porcentagem	Exemplo
V [+ant] – e	219/435	50,3	children
V [+post] – u	207/422	49,1	school
V [-ant, +post] – a	130/273	47,6	adults
Total	556/1130		

Tabela 10 – *Contexto anterior vocálico* – rodada “V__”, sem *informantes*

Sobre o *contexto anterior vocálico*, podemos observar que os resultados para cada uma das variantes são equivalentes. Esperávamos, porém, que a afirmação de Labov, Cohen, Robins e Lewis (1968, *apud* Durian, 2004) se confirmasse, e que as variantes que possuem o traço [+post] apresentassem uma frequência maior de ocorrências vocalizadas que a variante caracterizada apenas pelo traço [+ant], conforme expressamos em nossas hipóteses (ver em 3.2 – item 2). Há estudiosos que acreditam que as vogais posteriores, por serem dorsais, são mais suscetíveis de promover a vocalização e, assim, terem mais afinidade com o movimento dorsal do *l escuro*.

Entretanto, o que os resultados sugerem está mais em consonância com resultados de pesquisas sobre o PB, de que são as vogais anteriores que favorecem a regra (Costa, 2003; Leite, Callou & Moraes, 2007; Hahn & Quednau, 2007). Collischonn & Quednau (2009), por outro lado, entendem que não são as vogais anteriores que favorecem a vocalização, mas, sim, são as vogais posteriores, especificamente a vogal /u/, que favorecem a manutenção da lateral velarizada, evitando a geração de uma sequência altamente marcada – pelo menos no português –, como [uw], por exemplo.

Na verdade, porém, o fato de que o grupo de fatores não foi selecionado pode estar indicando que a vocalização não decorre de um processo coarticulatório, mas de uma pressão da estrutura prosódica, silábica, na qual o segmento se encontra, no sentido de evitar codas consonantais.

(b) *contexto anterior consonantal*

Realizamos, então, outra rodada, cujos resultados serão apresentados abaixo, utilizando apenas os dados que continham contexto antecedente consonantal e excluindo, também, a variável *informantes* no arquivo de condições. Novamente a variável linguística não foi selecionada, mas apresentamos os resultados relativos à porcentagem.

	Aplicação/Total	Porcentagem	Exemplo
C [+cor] – t	78/147	53,1	castle
C [+dor] – k	35/75	46,7	article
C [+lab] – b	8/25	32,0	example
Total	677/1377		

Tabela 11 – *Contexto anterior consonantal* – rodada “C__”, sem *informantes*

As nossas expectativas em relação ao *contexto anterior consonantal* baseavam-se em Johnson & Britain (2003), que acreditam que consoantes coronais inibem a vocalização, enquanto consoantes dorsais e labiais a favorecem. Nossos resultados, porém, indicam o oposto. A frequência de vocalização nas ocorrências de /l/ precedido por uma consoante [+cor] é ligeiramente maior (53,1%) que nas ocorrências de /l/ precedido por uma consoante [+dor] (46,7%) ou [+lab] (32,0%). Não temos, como mencionamos em 3.2 – item 3, trabalhos sobre a vocalização no PB que possam nos servir de referência para a análise do *contexto anterior consonantal*, pois o português não possui *l* silábico. Entretanto, estes resultados parecem sugerir que a vocalização não é um processo de caráter coarticulatório, mas de estrutura silábica.

(c) V__ x C__

Para facilitar a leitura do que pretendemos tratar relativamente a este aspecto, elaboramos uma nova tabela, condensando informações. Nossa intenção é comparar /l/ em *posição de coda* (e.g. *children* [ˈtʃɪl.drən]) e /l/ em *posição de núcleo*⁴⁵ (e.g. *castle* [ˈkæ.s.tl]).

	Aplicação/Total	Porcentagem	Exemplo
V __	556/1130	49,2	children
C __	121/247	49,0	castle
Total	677/1377		

Tabela 12 – /l/ em *posição de coda* X /l/ em *posição de núcleo*

A tabela 12 acima nos apresenta porcentagens equivalentes entre as duas posições silábicas de /l/. Nossa hipótese inicial era de que o *l* em posição de núcleo desfavoreceria a realização de /l/ como [w], uma vez que no português não é possível que a lateral alveolar ocupe tal posição. As porcentagens, no entanto, mostram que não há diferença na taxa de aplicação em um ou outro contexto.

⁴⁵ Nem todas as ocorrências de /l/ em núcleo foram realizadas pelos informantes como tal. Em muitos casos, se não na maioria, os informantes produziram um segmento vocálico na posição de núcleo ([ə], por exemplo) e /l/ em coda. Não realizamos um controle sistemático sobre essas ocorrências, pois nossa intenção era manter a classificação destes dados como “C__”, e assim o fizemos.

Consideremos, agora, outro grupo de fatores linguístico: *contexto posterior*. Podemos observar, novamente, que esta variável não apresenta um papel significativo para o fenômeno. A frequência de vocalização é bem equivalente entre os fatores.

	Aplicação/Total	Porcentagem	Exemplo
vogal – v	136/270	50,4	fell asleep
pausa – p	87/173	50,3	Channel.
consoante – x	454/934	48,6	school working
Total	677/1377		

Tabela 13 – *Contexto posterior* – rodada sem *informantes*

O que nos levou a analisar *contexto posterior* foi mais o interesse em investigar a possibilidade de ressilabação, já que consideramos que a vocalização não é um fenômeno assimilatório. Realizamos, então, uma rodada recodificando as variantes de *contexto posterior*.

Fizemos as seguintes alterações no arquivo de condições do pacote de programas Goldvard: (a) retiramos todos os dados com /l/ em posição de núcleo, deixando apenas os dados com *l* em coda silábica; (b) recodificamos os fatores de *contexto seguinte*, reduzindo-os de três (*p* – *pausa*, *x* – *consoante* e *v* – *vogal*) para dois (*x* – *consoante* e *pausa* e *v* – *vogal*); e (c) excluímos a variável *informantes*. O novo grupo de fatores não foi selecionado (as razões parecem evidentes na tabela abaixo) e, novamente, *nível de inglês* e *sexo*, nesta ordem, foram selecionadas.

	Aplicação/Total	Porcentagem	Exemplo
vogal – v	109/222	49,1	fell asleep
consoante e pausa – x	447/908	49,2	school working Channel.
Total	556/1130		

Tabela 14 – *Contexto posterior* – ressilabação – rodada sem *informantes*

Esperávamos, todavia, que os falantes também transferissem para o inglês a ressilabação, característica das línguas românicas, o que parece não estar acontecendo.

Voltando à transcrição de nossos dados, podemos observar que, dos casos em que a lateral foi preservada (i.e. não houve vocalização), em muito poucos houve ressilabação: uma ocorrência de *Pau[le]nd* (para *Paul and*), duas ocorrências de *fe[la]sleep* (para *fell asleep*), e duas ocorrências de *sti[lo]n* (para *still on*). Tivemos, ainda, outro caso de ressilabação, porém, com o rotacismo de /l/: *wonderfu[ri]vening* (para *wonderful evening*). Interessante observar que estes casos de ressilabação ocorrem quase sem exceção no interior de frases fonológicas. Em muitos dos casos, a ressilabação acontece em contextos em que também é possível a ressilabação no inglês (Durian, 2008; Freitas & Neiva, 2006).

Na rodada seguinte, em que *informantes* retornou ao arquivo de condições e *sexo* e *nível de inglês* foram retirados, apenas aquela variável foi selecionada. Realizamos, ainda, outras duas rodadas considerando a possibilidade de ressilabação, nas quais consideramos somente os dados com /l/ em posição de núcleo (ao contrário das rodadas antecedentes). Em uma das rodadas, as alterações (b) e (c) no arquivo de condições mencionadas acima se mantiveram. Nenhuma variável foi selecionada.

4 CONCLUSÕES

Retomaremos nossas hipóteses apresentadas em 2.2 para termos um quadro, ao final do trabalho, das expectativas iniciais que se comprovaram e das que não se comprovaram no trabalho.

1. O *l* em posição de núcleo é mais pronunciado como [ɫ], uma vez que no português não é possível que a lateral ocupe tal posição na sílaba.

Ao iniciarmos nosso trabalho, apesar de termos consciência de que a vocalização é um fenômeno em curso na língua inglesa, esperávamos que o índice de vocalização fosse bastante baixo, especialmente nos dados em que /l/ estivesse ocupando a posição silábica de núcleo. Como sabemos, os padrões silábicos das línguas variam. No caso do PB, não é permitido que /l/ ocupe a posição de núcleo da sílaba, ao contrário do inglês, que é. Nossos resultados indicaram que os informantes vocalizaram em 49% das ocorrências de /l/ em núcleo. Embora não tenhamos feito um levantamento quantitativo do número de ocorrências em que os informantes realizaram [ɫ] em coda, inserindo um segmento vocálico no núcleo, na audição e transcrição dos dados, pudemos perceber que se trata de uma quantidade considerável. Em um trabalho futuro, este é um aspecto que pode ser melhor analisado.

Em termos de aquisição da linguagem, podemos perceber que o aprendiz de uma L2 por vezes demonstra ser capaz de aplicar regras fonotáticas da língua alvo, mas não de forma regular e consistente. Notamos, frequentemente, a influência das regras fonotáticas de sua língua materna; ou seja, o falante não nativo, ao deparar-se com estruturas silábicas estranhas às da sua língua (como sílabas com segmento consonantal no núcleo, que são universalmente mais complexas), tende a se valer de estratégias de adaptação, tomando por base o que é permitido ocorrer nos componentes da sílaba de sua L1. Tal fato acaba contribuindo, de certa forma, para a formação de seu sotaque de estrangeiro (Freitas & Neiva, 2006).

2. O contexto fonológico vocálico precedente pode favorecer ou desfavorecer a realização de /l/ como [w]. A probabilidade de vocalização é menor quando a vogal

precedente ao *l* possui o traço [+anterior]; enquanto a probabilidade de vocalização é maior quando a vogal precedente ao *l* *escuro* possui o traço [+posterior] (e.g. *feel* x *full*). (com base em Labov, Cohen, Robins e Lewis (1968, *apud* Durian, 2004).

Conforme mencionamos em nosso capítulo de análise dos dados, as variáveis linguísticas não foram selecionadas pelo programa estatístico Goldvarb em nenhuma das rodadas que realizamos. Isto significa que nenhuma dessas variáveis parece ter desenvolvido um papel significativo sobre a vocalização.

Buscando, porém, resposta para nossa expectativa em relação ao contexto fonológico vocálico precedente ao /l/, verificamos que as porcentagens de aplicação de [w] dos três fatores considerados são bastante equivalentes (50,3; 49,1; 47,6). O contexto de vogal com o traço fonológico [+anterior] apresenta uma frequência ligeiramente maior que os demais contextos, que não possuem esse traço (V [+posterior] e V [-anterior, +posterior]), o que estaria mais de acordo com a literatura sobre o fenômeno no PB. Essa equivalência de índices pode estar indicando que nossos informantes possuem uma gramática interlinguística, ou seja, que eles possuem uma gramática com influências e características tanto da primeira (PB), quanto da segunda língua (inglês).

Outra interpretação alternativa que levantamos é que, na verdade, não há condicionamento por parte do contexto anterior porque não se trata de fenômeno com características assimilatórias, sendo puramente um processo de lenição.

3. O contexto fonológico consonantal precedente pode favorecer ou desfavorecer a realização de /l/ como [w]; coronais desfavoreceriam a vocalização do *l* silábico (e.g. *medal* e *little*), enquanto labiais e dorsais tenderiam a favorecê-la (e.g. *humble* e *ankle*).

Novamente, nossas expectativas sobre contexto fonológico consonantal precedente não se confirmaram. Na rodada que realizamos para controlar especificamente este contexto, utilizando apenas os dados que continham consoantes antecedendo /l/ e excluindo a variável *informantes* no arquivo de condições, obtivemos 53,1% de vocalização nas ocorrências de /l/ precedido por uma consoante [+cor]. Porcentagem de aplicação ligeiramente maior que nas ocorrências de /l/ precedido por uma consoante [+dor] (46,7%)

ou [+lab] (32,0%). Estes resultados obtidos parecem sugerir, novamente, que a vocalização não é um processo de caráter coarticulatório, mas de estrutura silábica.

4. Se o contexto seguinte for uma vogal (e.g. *all empty*), a “ligação” que ocorre entre a primeira e a segunda palavra, a assim chamada ressilabação, através da qual /l/ passa para o *onset*, parece inibir a vocalização. Portanto, esperam-se baixas taxas de vocalização nesta situação. Entretanto, se o falante realizar pausa entre as palavras, a ressilabação não ocorre, e espera-se, portanto, maior ocorrência do fenômeno da vocalização neste caso.

A rodada que realizamos para analisar a possibilidade de ressilabação em nossos dados apontou que em 49,1% das ocorrências com uma vogal iniciando a palavra seguinte (*fell asleep*) houve vocalização, sangrando a regra de ressilabação, ao eliminar o contexto que permitiria sua aplicação. Em 49,2% das ocorrências com pausa (*Channel.*) ou consoante (*school working*) como contexto seguinte também foi produzida a semivogal. O fato de as porcentagens serem idênticas indica que a ressilabação não parece estar atuando nos dados considerados e explica por que a variável não foi selecionada pelo programa. Além disso, observamos que, mesmo nos casos em que /l/ foi preservado, na maioria, não houve a ressilabação.

Essas análises nos sugerem que o falante manipula, de alguma forma conscientemente, a ressilabação, pois não está aplicando-a tal como faria no português. Tal observação parece ser importante para a discussão da teoria fonológica e do que pode ser transferido de uma língua para a outra (discussão esta que não pôde ser feita aqui, mas que poderá ser realizada em outra oportunidade).

5. O sexo exerce certa influência tanto na língua materna quanto na aquisição de L2 – conforme Major (1994, p. 190-1), mulheres são mais favoráveis ao uso da forma de prestígio que os homens na aquisição de L2. Podemos considerar que, na variedade do PB falada pelos informantes analisados, a forma de prestígio é a vocalização. Não há até o momento informação sobre qual seria a forma prestigiada na aquisição do inglês como L2 para os falantes da comunidade estudada.

Não foi possível, neste momento, fazermos um levantamento que permitisse indicar qual seria a forma prestigiada pelos nossos informantes no fenômeno analisado e se havia correlação com o sexo. Os resultados de nosso trabalho apenas nos induzem a acreditar na possibilidade de os dados estarem refletindo, de alguma forma, as proporções de vocalização entre mulheres e homens do português do Brasil (no qual as mulheres vocalizam mais), já que obtivemos o percentual de 50,6 de vocalização para o sexo feminino e de 45,7 para o masculino.

6. O grau de proficiência dos aprendizes exerce alguma influência na produção da lateral como semivogal [w] ou velar [ɣ]. A porcentagem de vocalização tende a diminuir na fala de aprendizes brasileiros de L2 na medida em que estes vão avançando nos níveis de proficiência da segunda língua.

No que se referem ao nível de inglês, nossas expectativas foram novamente superadas. *Nível G*, cujo único representante possui conhecimento “elementar” de inglês, não foi o fator que apresentou o maior peso relativo, mas *Nível E*, cujos representantes são considerados “usuários competentes” da língua, apresenta. Ao colocarmos esses números em um gráfico (ver gráfico 6), obtivemos algo semelhante a uma parábola, o que pode ser justificado pelos chamados *Erros de Desenvolvimento* (Archibald, 1998). Em um nível iniciante de proficiência (aqui representado pelo fator *Nível G*), o aprendiz apresenta baixo índice de erros de desenvolvimento. Este índice aumenta em um nível intermediário e diminui à medida que o nível de proficiência aumenta (*Nível C*). Além disso, poderíamos, talvez, atribuir estes resultados aos fatores apresentados em (iii) abaixo.

Ademais, temos outras considerações que gostaríamos de apresentar:

i. O fato de as variáveis linguísticas não terem sido selecionadas em nenhuma das rodadas que realizamos nos permite construir uma nova hipótese: a de que o fenômeno de vocalização não possui um caráter assimilatório, que seja, todavia, um fenômeno de lenição, explicável no nível fonético, por propriedades inerentes à articulação do /l/ (sendo um segmento com dois articuladores, ele seria naturalmente instável e sujeito a alterações), que se manifestam mais fortemente no contexto de coda.

ii. A variação entre [w] e [ɸ] na fala de um mesmo informante sugere que este seja um processo fonológico mais simplificado que aquele expresso por meio da regra telescópica (Quednau, 1993, e Tasca, 1999). O fato de esse processo poder ser representado de forma simplificada nos termos da geometria de traços, através da hipótese de ponto de consoante complexo coronal-dorsal para a lateral, garante a naturalidade da passagem de // → [w] (Costa, 2003, baseada em Walsh, 1997).

iii. Ainda em relação aos informantes, destacamos a grande variação que há entre os pesos relativos dentro de um mesmo nível de inglês (ver gráfico 5). Apesar de os informantes terem os mesmos níveis de inglês e de escolaridade, talvez, poderíamos atribuir tal variação aos fatores sexo, idade, escolaridade, região geográfica e classe social, que não foram sistematicamente controlados neste estudo. Entretanto, mesmo que todos esses fatores fossem devidamente controlados, ainda assim nossos informantes poderiam apresentar comportamentos lingüísticos diferentes em relação ao fenômeno (Labov, 2001). Especialmente em relação à aquisição de L2, outros fatores de nível social menor poderiam condicionar tal variação, como relações sociais mais imediatas do falante com amigos, parentes e professores estrangeiros; atividades de lazer que envolvem a língua alvo; experiência de morar e/ou estudar no exterior; etc.

iv. Apesar de nosso trabalho não possuir um número equivalente de participantes de ambos os sexos (dezessete mulheres e oito homens), nem de representantes de cada nível de conhecimento de inglês, acreditamos que nossos procedimentos metodológicos atenderam aos objetivos iniciais do estudo. Para tanto, tivemos o cuidado de classificar nos informantes por níveis não de acordo com a seriação escolar, mas pelo desempenho em teste já bastante reconhecido, possibilitando uma maior sustentação das observações feitas acima, de que o aprendizado da não-vocalização não obedece a um decréscimo linear, de estágios mais iniciais para os mais avançados.

Outro aspecto que julgamos positivo em nossa metodologia foi o instrumento, que nos permitiu uma coleta adequada dos dados. Elaborando o texto, buscamos utilizar o maior número de contextos de lateral possível, sem prejudicar sua semântica. Sabemos que outras questões deveriam ser consideradas na elaboração de um instrumento para um levantamento futuro. Um exemplo seria dar uma atenção maior aos contextos que permitiriam a ressilabação.

Para finalizar, o fato de nossos informantes terem realizado vocalização em apenas 49,2% das ocorrências de /l/ em nossos dados e todos os demais resultados discutidos acima parecem corroborar a sugestão de Baratieri (2006) e indicar que há um processo de desenvolvimento interlinguístico operando na aquisição de /l/ no inglês como segunda língua pelos informantes da presente pesquisa. Esperamos que o trabalho de análise que desenvolvemos aqui se mostre, de alguma forma, pertinente não somente para estudiosos do processo de aquisição de L2, mas também para pesquisadores voltados para o entendimento de fenômenos variáveis do português brasileiro e para a teoria fonológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARCHIBALD, John. *Second language phonology*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.
- ALLAN, Dave. *Oxford Placement Test 1*. Oxford University Press, 2004.
- BARATIERI, Jacir Paulo. *Production of /l/ in the English coda by Brazilian EFL learners – an acoustic-articulatory analysis*. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. (Dissertação de mestrado)
- BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. M. (org.) *Gramática do português falado*. v. VII: novos estudos. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1999.
- BOERSMA, Paul; WEENINK, David. *Praat: doing phonetics by computer – version 5.1.25*. 2010.
- BRESCANCINI, Claudia R. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 13-75.
- BROWN, Cynthia. The interrelation between speech perception and phonological acquisition from infant to adult. In: ARCHIBALD, John. *Second Language Acquisition and Linguistic Theory*. Malden: Blackwell, 2000.
- COLLISCHONN, Gisela & QUEDNAU, Laura R. In: Leda Bisol e Gisela Collischonn (Orgs.) *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS: 2009. <http://www.pucrs.br/edipucrs/portuguesdosuldobrasil.pdf>.
- COOK, Vivian. Linguistics and second language acquisition. In: ARONOFF, Mark & REES-MILLER, Janie. *The handbook of Linguistics*. Malden: Blackwell, 2001.
- DAL MAGO, D. O comportamento do /l/ pós-vocálico no Sul do país. *Working Papers in Linguistics*, v.2, 1998.
- DELATORRE, Fernanda & KOERICH, Rosana D. The Influence of Preceding Context and Cluster Length on the Production of English Words Ending in -ed by Brazilians. In: Rauber, A. S., Watkins, M. A., & Baptista, B. O. (Eds.). *New Sounds 2007: Proceedings of the Fifth International Symposium on the Acquisition of Second Language Speech*. Florianópolis, Brazil: Federal University of Santa Catarina, 2008.
- DURIAN, David. The vocalization of /l/ in urban blue collar Columbus, OH African American Vernacular English: A quantitative sociophonetic analysis. *The Ohio State Working Papers in Linguistics*, Volume 58: p. 30-51, 2008.
- ECKMAN, Fred R. & IVERSON, Gregory K. Pronunciation difficulties in ESL: coda consonants in English Interlanguage. In: YAVAS, Mehmet. *First and second language phonology*. San Diego: Singular Publishing Group, 1994.
- ESPIGA, Jorge. *O Português dos Campos Neutrais: um estudo sociolinguístico da lateral pós-vocálica nos dialetos fronteiricos do Chuí e Santa Vitória do Palmar*. Porto Alegre: PUCRS, 2001. (Tese de Doutorado)

FRAGOZO, Carina S. *A redução vocálica em palavras funcionais produzidas por falantes brasileiros de inglês como língua estrangeira*. Porto Alegre: PUCRS, 2010. (Dissertação de Mestrado) http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2525

FREITAS, Myrian Azevedo de; NEIVA, Aurora M. S.. Estruturação silábica e processos fonológicos no inglês e no português: empréstimos e aquisição. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 4, n. 7, agosto de 2006.

GUY, Gregory R. Varbrul: análise avançada. In: GUY, Gregory R. & ZILLES, Ana M. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

GUY, Gregory R. & ZILLES, Ana M. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

HAHN, Laura H. & QUEDNAU, Laura R. A lateral pós-vocálica no português de Londrina: análise variacionista e estrutura silábica. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p.100 – 113, setembro 2007.

JOHNSON, Wyn & BRITAIN, David. *L Vocalization as a Natural Phenomenon*. Essex Research Reports in Linguistics Vol. 44, 2003.

LABOV, William. Some notes on the role of misperception in Language Learning. In: BAYLEY, Robert & PRESTON, Dennis R. *Second language acquisition and linguistic variation*. Amsterdam: John Benjamins, 1996.

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, V. 2, 2001.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah & MORAES, João. O // em posição de coda silábica: confrontando variedades. In: *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, 2007, p. 423-430.

MAJOR, Roy C. Current trends in interlanguage phonology. In: YAVAS, Mehmet. *First and second language phonology*. San Diego: Singular Publishing Group, 1994.

MAJOR, Roy C. *Foreign Accent – the Ontogeny and Phylogeny of second language phonology*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

MEZZOMO, Carolina Lisbôa. Sobre a Aquisição da Coda. In: Regina Ritter Lamprecht (Org.). *Aquisição fonológica do Português*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004. p. 17- 32.

QUEDNAU, Laura R. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*. Porto Alegre: UFRGS, 1993. (Dissertação de Mestrado)

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. In: *Revista Contingentia*, 2006, Vol. 1, novembro 2006. 01–10. www.revistacontingentia.com.

TASCA, Maria. *A lateral em coda silábica no Sul do Brasil*. Porto Alegre: PUCRS, 1999. (Tese Doutorado)

<http://www.utexas.edu/courses/linguistics/resources/phonetics/vowelmap/index.html>

ANEXOS

ANEXO A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 INSTITUTO DE LETRAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
 ORIENTADORA: Profa. Dra. Gisela Collischonn
 ACADÊMICO: Laura H. Hahn



Participante n° _____

Prezado participante do estudo,

por favor, preencha as lacunas abaixo e responda às perguntas:

- (1) Idade: _____ (2) Sexo: () F () M
- (3) Em que cidade passou a maior parte de sua vida? _____
- (4) Profissão (se for professor(a), especifique a série, a disciplina e o local de trabalho):

- (5) Onde você já estudou (escola, curso de línguas, professor particular) e há quantos anos você estuda inglês? _____
- (6) Você utiliza o inglês em seu local de trabalho? () SIM () NÃO
- (7) Com que frequência (caso tenha respondido SIM na questão 6)?
 () sempre () frequentemente () às vezes () raramente
- (8) Com que frequência você fala inglês?
 () sempre () frequentemente () só nas aulas () às vezes () raramente
- (9) Você já morou no exterior? () SIM () NÃO
- (10) Em que país (caso tenha respondido SIM na questão 9)? _____
- (11) Por quanto tempo (caso tenha respondido SIM na questão 9)? _____
- (12) Você já viajou para o exterior? () SIM () NÃO
- (13) Para onde e por quanto tempo (caso tenha respondido SIM na questão 12)?

- (14) Você estudou inglês no exterior? () SIM () NÃO
- (15) Em que país (caso tenha respondido SIM na questão 14)? _____
- (16) Por quanto tempo (caso tenha respondido SIM na questão 14)? _____

- (17) Você utiliza o inglês em seus momentos de lazer? () SIM () NÃO
- (18) Em que atividades (caso tenha respondido SIM na questão 17)?
() internet () televisão/cinema () leitura de livros/revistas () música
() jogos eletrônicos () outros _____
- (19) Com que frequência (caso tenha respondido SIM na questão 17)? _____
- (20) Seu estudo extraclasse consiste em:
() estudar e praticar as estruturas da língua em livros de exercícios e gramáticas
() conversar com amigos e colegas que falam inglês
() ler as unidades do livro-texto trabalhadas em aula
() pesquisar sites na internet que tragam explicações/exercícios sobre os tópicos estudados
() não tenho o hábito de estudar fora do contexto de sala de aula

MUITO OBRIGADA POR PARTICIPAR DO EXPERIMENTO!

ANEXO B

Nº _____

Formulário de Consentimento

Aos participantes:

Por favor, leia o parágrafo a seguir e assine na linha abaixo, indicando que você entende a natureza deste estudo e seus direitos como participante.

Sua participação neste estudo é voluntária. Neste estudo, você irá apenas ler um texto, e sua leitura será gravada em áudio. O objetivo deste estudo é analisar o processo de aquisição de certas estruturas do inglês por falantes nativos do português brasileiro. Vale ressaltar, ainda, que este não é um teste de proficiência, mas sim um instrumento de avaliação de determinadas percepções que aprendizes do inglês desenvolvem durante o processo de aquisição. Além disso, o estudo não envolve risco algum. Todos os resultados coletados durante sua participação serão codificados com um número de identificação, ou seja, seu nome não será divulgado.

Eu li e entendi a informação acima a respeito deste estudo e concordo em participar.

NOME_____
ASSINATURA_____
DATA

ANEXO C

A moment of happiness

Last evening, I was at home alone with my children. My husband was at school working. Paul and Rahul, my children, were playing with their new puzzle, building a castle, when I called them to watch TV and eat some pretzels. They loved the idea, because it's very difficult for me to let them watch TV and eat in front of it.

I'd read an article which said adults should allow, every now and then, their children to do things that they themselves enjoyed doing, such as watching TV and eating in front of it.

Paul, my oldest son, said "I've never thought it would be possible, mom! This is all I've ever wished!".

They were so thrilled! And so was I. Although it would be even better if my husband weren't so involved with his school and were along with us.

Stuart Little was on Universal Channel. As the main roles, this film has Stuart, a mouse, and Snowbell, a cat. It's amazing how these movies with animals can amuse a child and an adult at the same time.

Anyway, when we ran out of pretzels and the film was almost in the end, Paul and Rahul fell asleep. While I was taking my little angels to bed, my husband got home. I told him "You will not believe the wonderful evening we've just had." So he said "Well, could you tell me everything while I watch the football match? The game is still on. Oh, and can I drink a bottle of beer? I really need an unusual enjoyable time."

Well, as you can see, small simple things can result in moments of happiness.

ANEXO D

	Nível C	Nível D	Nível E	Nível F	Nível G
Mulher 1	Inf. 19 – +	Inf. 14 – 4	Inf. 13 – n	Inf. 11 – j	Inf. 21 –]
Mulher 2	Inf. 15 – &	Inf. 27 – z	Inf. 10 – s	-	-
Mulher 3	Inf. 22 – q	Inf. 5 – 5	-	-	-
Mulher 4	Inf. 28 – r	Inf. 23 – 3	-	-	-
Mulher 5	Inf. 16 – -	Inf. 8 – 8	-	-	-
Mulher 6	Inf. 20 – =	Inf. 2 – 2	-	-	-
Mulher 7	-	Inf. 26 – i	-	-	-
Mulher 8	-	Inf. 25 – h	-	-	-
Homem 1	Inf. 12 – #	Inf. 24 – } }	Inf. 6 – 6	Inf. 9 – 9	-
Homem 2	Inf. 1 – !	Inf. 17 – y	-	-	-
Homem 3	-	Inf. 7 – 7	-	-	-